

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
F a c u l d a d e d e L e t r a s
Programa de Pós-Graduação em Letras

**O CHEIRO DAS PALAVRAS:
O OLFATO NA NARRATIVA LITERÁRIA**

Cristina Gomes

Porto Alegre, fevereiro de 2009.

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
F a c u l d a d e d e L e t r a s
Programa de Pós-Graduação em Letras

**O CHEIRO DAS PALAVRAS:
O OLFATO NA NARRATIVA LITERÁRIA**

Cristina Gomes

Prof. Dr. Luiz Antonio de Assis Brasil
Orientador

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Letras, área de concentração Teoria da Literatura, eixo Escrita Criativa, pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Instituição depositária:
Biblioteca Central Irmão José Otão
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Porto Alegre, fevereiro de 2009.

CRISTINA GOMES

O CHEIRO DAS PALAVRAS:
O OLFATO NA NARRATIVA LITERÁRIA

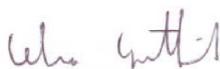
Dissertação apresentada como
requisito para obtenção do grau de
Mestre, pelo Programa de Pós-
Graduação em Letras da Faculdade
de Letras da Pontifícia
Universidade Católica do Rio
Grande do Sul.

Aprovada em 27 de março de 2009

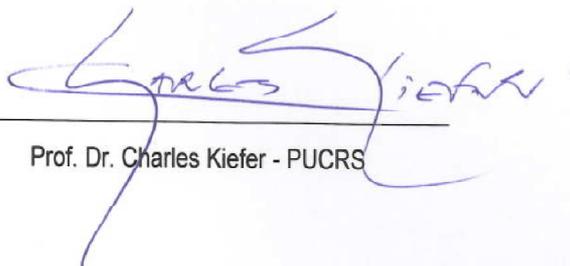
BANCA EXAMINADORA:



Prof. Dr. Luiz Antonio de Assis Brasil - PUCRS



Prof. Dr. Celso Gutfreind - ULBRA



Prof. Dr. Charles Kiefer - PUCRS

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador, Luiz Antonio de Assis Brasil, pela confiança, pelo conhecimento compartilhado e por estar sempre lá.

À minha amiga Daniela Pinheiro Machado Kern, por ter dito: “agora tu não tens escapatória” e por todo o companheirismo e generosidade intelectual.

Aos meus incomparáveis, corajosos e apaixonantes pais, Clécio Gomes e Maria Isabel Gomes, por tudo que me ensinaram e por tudo que são.

Ao meu irmão Abelardo Antônio Gomes Neto, por saber voar e fazer com que os outros queiram ir junto.

À minha irmã, Patrícia Coelho, por estar perto da minha alma.

Ao meu segundo irmão, Marcelo Esteves, por ser tão diferente e tão parecido e por estar no meu caminho livre e eternamente.

À Mara Vieira Motta por ser fundamental nos últimos meses.

DEDICATÓRIA

Ao meu amado, ao meu cais, ao meu primeiro leitor,
Rafael Meira de Figueiredo, por me inspirar sempre o
melhor.

À minha filha Maya, por seu espírito livre, por saber
querer e por me levar até o horizonte mais longínquo.

Cheiro: propriedade que têm certos corpos de emanar partículas voláteis capazes de afetar os órgãos olfativos do homem e de certos animais, e cuja percepção manifesta-se em sensações diversas.

(...) E seria cruel demais para mim
lembrar agora que cheiro era esse,
aquele, bem na curva onde o pescoço
se transforma em ombro, um lugar onde
o cheiro de nenhuma pessoa
é igual ao cheiro de outra pessoa.

Caio Fernando Abreu

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1. O CHEIRO DAS PALAVRAS.....	14
2. A RUA DAS LARANJEIRAS.....	41
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	115
<i>CURRICULUM VITAE</i>.....	116

RESUMO

Este trabalho, de natureza teórica e criativa, pretende realizar uma investigação para uma teoria do olfato na literatura. Para isso, deve analisar em que situação encontra-se a narrativa contemporânea quando lida com o olfato. Que papel desempenha o sentido do olfato na literatura? Quais são os métodos de escrita sobre o olfato? Como pode o cheiro ser capturado no papel? O trabalho consiste de um capítulo teórico seguido da novela literária *A Rua das Laranjeiras*.

Palavras-chave: Olfato. Cheiros. Narrativa literária.

RÉSUMÉ

Ce travail, de nature théorique et créative, se propose à poursuivre une recherche pour une théorie de l'odorat dans la littérature. Pour cela, on doit analyser dans quelle situation se trouve le récit contemporain lorsqu'il est lu avec l'odorat. Quel est le rôle du sens de l'odorat dans la littérature ? Quelles sont les méthodes de l'écrit à propos de l'odorat ? Comment peut-on percevoir l'odeur sur le papier ? Le travail est composé d'un chapitre théorique suivi de la nouvelle littéraire *La rue des orangers*.

Mots-clés: Odorat. Odeurs. Récit littéraire.

INTRODUÇÃO

Hortelã, café torrado, grama molhada, mofo, noz-moscada, leite azedo, laquê, hálito. Sabe-se que o homem é capaz de sentir mais de 400 mil odorantes, é capaz também de sentir um aroma completamente novo, ou seja, um aroma que ainda não tenha sido produzido de forma natural ou artificial. O que não se sabe é como nós sentimos os cheiros. O olfato é considerado o sentido mais primitivo e também mais desconhecido pela ciência. No século passado, mais de quarenta teorias diferentes foram formuladas a respeito do funcionamento desse sentido. Em 2004, o Prêmio Nobel de Medicina foi concedido para uma cientista que decifrou as proteínas do olfato (BURR, 2006, p. 7). Mas há ainda uma infinidade de perguntas sem respostas. Se para o homem e para ciência o sistema olfativo ainda permanece um mistério indecifrável – diferente de sentidos como visão e audição - o que acontece quando este mundo enigmático e complexo passa para o plano literário?

Em *Making sense: sense perception in the British novel of the 1980s and 1990s*, o alemão Ralf Hertel lança algumas questões sobre o olfato na literatura. Para o teórico literário, o olfato é um *outsider* da literatura: “o embaraçoso, malcheiroso parente na família das respeitáveis percepções sensoriais literárias”¹. Hertel destaca que o cheiro aparece como o lado irracional dos seres humanos. Aparece em seu duplo sentido: “possuir um cheiro é mostrar ter uma qualidade existencial de humanidade, e a percepção dos cheiros é a ponte para o subconsciente e irracional” (2005, p. 126). Hertel também levanta a dificuldade de transformar a percepção subjetiva de um cheiro em palavras. Destaca que há palavras para

¹ Os trechos citados do capítulo *The smell of the text* foram traduzidos por Daniela Kern a pedido da autora.

formas, cores, sons ou gostos, mas que carecemos de termos que descrevam cheiros: “O mais comum é que se lance mão das linguagens da música ou do gosto; falamos sobre harmonias de fragrâncias, suas composições ou notas, de aromas doces, amargos, temperados ou frutados” (2005, p. 126).

Levando todas essas questões em consideração, pretendemos investigar em que situação encontra-se a narrativa contemporânea quando lida com o olfato. Que papel desempenha o sentido do olfato na literatura? Quais são os métodos de escrita sobre o olfato? Como pode o cheiro ser capturado no papel?

Este trabalho, inscrevendo-se no eixo Escrita Criativa do Mestrado em Teoria da Literatura do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Letras da PUCRS, propõe-se a fazer uma investigação para uma teoria do olfato na literatura e também uma articulação entre essa reflexão teórica e a criação artística. Na primeira parte do trabalho, através de um ensaio teórico, vamos abordar a questão do olfato na narrativa literária. O romance *O perfume* do escritor alemão Patrick Süskind; a obra *Making sense: sense perception in the British novel of the 1980s and 1990s* de Ralf Hertel; *O cheiro das coisas: o sentido do olfato: paladar, emoções e comportamentos* de Bettina Malnic e *O imperador do Olfato: uma história de perfume e obsessão* de Chandler Burr servirão de apoio teórico fundamental. Neste espectro de obras, ainda vale destacar que a escolha da obra ficcional *O perfume* se deve a dois fatores principais: o tema sobre o qual o escritor se debruça e a contemporaneidade da publicação.

Na segunda parte do trabalho, será apresentada a novela literária *A Rua das Laranjeiras*. A obra traz em seu cerne algumas questões levantadas no ensaio teórico. O processo de criação da novela se constituiu antes e ao longo da pesquisa e da elaboração do ensaio teórico. A questão do olfato está incrustada em toda obra literária, seja na caracterização das personagens (na forma como cada uma sente os cheiros, na forma como

cada uma exala ou não cheiros) ou nas tentativas diversas de descrição dos aromas que surgem na história.

Ao final deste trabalho, pretende-se contribuir, de alguma forma, com a investigação sobre o processo criativo e a teoria sobre o a criação literária.

Inspire e expire : o problema do olfato

Ao definir como tema central deste trabalho o sentido do olfato na literatura, imediatamente surgiram algumas particularidades para a realização da pesquisa. Como particularidade central, podemos destacar a impossibilidade de entrar direta e livremente na questão literária sem trazer à tona algumas informações e questionamentos sobre a parte fisiológica e química do processo olfativo. Vale destacar também a falta de bibliografia geral ou detalhada sobre o sentido do olfato – seja na área biológica ou na área literária. É por esta razão que resolvemos aprofundar a pesquisa deste ensaio teórico lançando mão de duas obras da biologia molecular: *O cheiro das coisas – o sentido do olfato: paladar, emoções e comportamentos*, de Bettina Malnic e *O imperador do Olfato: uma história de obsessão e perfume*, de Chandler Burr (ambas lançadas há menos de quatro anos no mercado editorial brasileiro). As duas obras vão servir como guias, como ferramentas para auxiliar no entendimento do olfato na literatura.

Segundo Bettina Malnic, em *O cheiro das coisas*, a falta de interesse histórico sobre o olfato se deve provavelmente ao fato de que, em geral, sempre se acreditou que o homem tem um olfato empobrecido, principalmente comparado a outros animais. Apenas recentemente a comunidade científica se voltou com afínco redobrado para este sentido. Basta considerar os outros sentidos: a visão já foi bastante investigada e desvendada (ainda que não completamente). Sabe-se que a vibração de um fóton de luz captado no receptor visual na retina vai nos fazer ver esta ou aquela cor (Nobel de 1967 concedido para a visão). A audição

também foi esmiuçada: pode-se prever com precisão qual a vibração de ar na córnea vai criar qual tom (Nobel de 1961 concedido para audição). Mas, sobre o olfato nada se pode prever ou determinar. Para Malnic, o olfato sempre foi considerado pelos cientistas o sentido menos importante e o mais negligenciado: “não prestamos atenção ao que nosso nariz está nos dizendo. Os cheiros que nos cercam induzem emoções e comportamentos que muitas vezes não são conscientemente percebidos” (2008, p. 14).

Pesquisas indicam que o homem pode discriminar mais de 400 mil odorantes. Quando um determinado cheiro entra na cavidade nasal, ele ativa receptores protéicos localizados nos cílios dos neurônios olfativos, o que gera a produção de sinais elétricos nestas células. Estes sinais são transmitidos pelos axônios para o bulbo olfativo, e daí para diferentes regiões do cérebro, como o córtex olfativo desencadeando a percepção e a discriminação dos cheiros. Os sinais olfativos são transmitidos também para o sistema límbico, uma região do cérebro considerada mais primitiva do que as regiões corticais, e que é responsável pelo desencadeamento de emoções e memórias. Alguns cheiros fazem com que o sistema límbico ative o hipotálamo, região do cérebro que estimula a produção de hormônios que controlam uma série de comportamentos inatos, como reprodução sexual e apetite (MALNIC, 2008, p.18).

A variedade de odores que um ser humano pode reconhecer é espantosa. Desde que nascemos, temos a capacidade de sentir qualquer cheiro ao nosso redor. Um recém-nascido pode reconhecer o cheiro da mãe em poucos dias, e sabe instintivamente que determinado cheiro só pertence a sua mãe. Tal fato não poderia ser diferente visto que cada ser humano tem um cheiro próprio, uma espécie de combinação final de todas as substâncias odoríferas liberadas através da pele, e assim, como um bebê, os adultos também reconhecem o odor de outras pessoas. Segundo Malnic, pesquisas recentes indicam que um dos primeiros sinais do final de um romance é quando um dos parceiros passa a não suportar o cheiro do

outro. É pelo cheiro que os machos da quase totalidade das espécies ficam sabendo que uma fêmea está no cio. Mesmo que os seres humanos não precisem se cheirar para se reconhecerem ou se aproximarem, o odor é essencial para a atração sexual. Cientistas norte-americanos descobriram que sexo sem cheiro interfere no prazer usufruído: uma em quatro pessoas com anosmia (perda total do olfato) tem problemas de desempenho sexual.

Para Malnic, provavelmente o papel mais importante do olfato para o homem seja o de garantir a percepção dos sabores dos alimentos. Sem o olfato, o sabor fica restrito às sensações que podem ser detectadas pela língua: doce, amargo, salgado, azedo, adstringente e umami (que significa sabor delicioso em japonês e corresponde ao sabor do monoglutamato de sódio, ou o famoso Ajinomoto, utilizado como um intensificador de sabor). Temperos como pimenta, coentro, canela, cravo, baunilha, páprica e mostarda, quando adicionamos à comida, não servirão para nada se não formos capazes de sentir seu cheiro. Sem o olfato não perceberíamos a diferença de sabores entre uma gelatina de morango e uma gelatina de pêssego (2008, p. 67)

O processo de sentir o cheiro acontece durante a aspiração e expiração. Ao se expirar, o fluxo de ar – que passa pela garganta – capta moléculas odoríferas do alimento que está sendo mastigado. Essas moléculas alcançam assim a câmara olfativa, e o cérebro então soma as informações das papilas gustativa com as do olfato. O resultado final de todo este processo é o paladar (MALNIC, 2008, p.19).

A capacidade de cheirar milhares de odorantes é tida como algo comum. No entanto, para uma minoria, esta habilidade natural não existe. São pessoas com anosmia, perda total do olfato. A anosmia pode causar problemas graves, como a ingestão de comida estragada, acidentes com gás ou ainda, depressão e distúrbios alimentares causados pela perda do paladar (que depende do olfato). Estima-se que aproximadamente 1% da população ocidental apresente algum tipo de deficiência olfativa. As anosmias gerais podem ser causadas

por fatores diversos, tais como inflamação no trato respiratório, traumas cerebrais que resultam na danificação do nervo olfativo, inalação de substâncias tóxicas, alergias ou a presença de pólipos nasais, que obstruem as passagens nasais (MALNIC, 2008, p.73).

De todos os sentidos, o olfato é o que está mais intimamente ligado às regiões do cérebro envolvidas em emoções e memórias, o sistema límbico. As células mitrais do bulbo olfativo mandam seus sinais diretamente para essas regiões, como para a amígdala, considerada importante para o desencadeamento do medo e de outras emoções (MALNIC, 2009, p.48).

Alguns cheiros também podem fazer com que ocorra a ativação do hipotálamo, resultando na produção de hormônios que controlam uma série de funções fisiológicas como apetite e comportamento sexual. Outra região que pode ser ativada por cheiros é o hipocampo, que é importante para a formação de memórias olfativas. Um cheiro específico pode desenterrar memórias de nossa infância ou de experiências que foram emocionantes, sejam boas ou ruins. O cheiro de um peixe estragado que causou indigestão poderá deixar uma memória que nos acompanhará por vários anos, e que nos impedirá de comer qualquer prato, por mais delicioso que seja, que contenha peixe.

Em *O cheiro das coisas*, Malnic ressalta, além da importância da utilidade do olfato para a vida dos seres humanos, a descoberta realizada por Linda Buck, vencedora do Prêmio Nobel de 2004. Juntamente com Richard Axel, Buck descobriu uma grande família de genes (alguns milhares de genes) que geram os receptores olfativos. Apesar de esmiuçar a pesquisa de Buck, Bettina Malnic termina sua obra levantando algumas questões que ainda estão em aberto como, por exemplo, o que acontece durante o processo de olfação que faz com que sintamos cheiros diferentes? Em *O imperador do Olfato*, o jornalista Chandler Burr, inicia com uma nota, fazendo referência a Linda Buck e contrapondo sua teoria da Forma a teoria da Vibração de Luca Turin – “personagem” principal de seu livro:

Axel e Buck revelaram que 3% dos nossos genes codificam os diferentes receptores odorantes, que os sinais elétricos que carregam a informação do odor (Ah, este é o cheiro de uma rosa) são enviados ao cérebro via processos nervosos, e assim por diante – mas o que eles não apresentaram foi a resposta à pergunta de Luca Turin: Como é que os receptores sabem que é rosa em primeiro lugar? Onde é que está escrito “rosa” e como os receptores lêem essa informação?

(...) Buck descobriu, metaforicamente, a fiação que faz o olfato funcionar no corpo humano, mas a questão da Forma versus Vibração não é: “Onde estão as conexões” e sim: “Ok, você descobriu as conexões, mas como é que elas funcionam?”(2006, p. 8)

Chandler Burr segue os passos do biofísico Luca Turin desde que este começou a desenvolver a teoria que desafia as áreas científica e financeira. Para problematizar o mistério que envolve o sentido do olfato, Burr destaca que, por tudo que se sabe sobre a evolução e a biologia molecular, o olfato realiza algo impossível. Para demonstrar tal afirmação, Burr descreve o funcionamento de dois outros sistemas do corpo humano, o sistema digestivo e o sistema imunológico. Por conta de tal descrição, apresentaremos uma citação um pouco mais extensa:

Primeiro a digestão. Os seres humanos evoluíram ao longo dos anos comendo certas moléculas – lipídios, carboidratos e proteínas, nas raízes, frutinhas e nos vários infelizes animais em que pusemos as mãos. A evolução projetou um sistema digestivo para o ser humano. A primeira tarefa do sistema é reconhecer com qual combustível bruto está lidando, de modo que possa enviar enzimas corretas para decompor o combustível, processá-lo para nós.

Na verdade, o reconhecimento molecular é reconhecidamente o mecanismo fundamental de toda a vida e baseia-se neste princípio fundamental: a Forma. As células receptoras desde sua cabeça até suas glândulas e pele reconhecem enzimas, hormônios e neurotransmissores pelas suas formas moleculares. O importante das enzimas é que a evolução aprendeu ao longo de milênios que precisamos digerir certas coisas e não outras.

(...)Para fazer o contraste, tome-se o sistema imunológico. Os anticorpos são projetados para se ligarem a coisas que NÃO existiam no tempo dos nossos ancestrais: bactérias desconhecidas, parasitas estrangeiros, e, a cada ano, novos vírus mais nocivos e com mutações, nunca antes vistos.

(...) Quando encontra um novo vírus, o sistema imunológico começa rapidamente a reordenar os genes ao acaso, vomitando anticorpos até descobrir um que se ajuste à forma do invasor, que se ligue a ele e o destrua. (...) É por isso que se tem de ficar em casa por alguns dias com

gripe. O sistema imunológico precisa de um certo tempo para decifrar o código da forma do invasor e produzir a arma com a forma adequada para combatê-lo.

Se o sistema digestivo é limitado mas instantâneo, o sistema imunológico é ilimitado “aceita todos os que chegam”, mas também precisa de tempo. (2006, p. 15)

Segundo Burr, aí está o problema. No olfato, podemos sentir o cheiro de uma molécula que nunca existiu. O homem é perfeitamente capaz de sentir o cheiro de borano apesar desta molécula ter sido inventada por químicos orgânicos no século XX. Isso deveria ser impraticável, e é aí que está o mistério do olfato: “sentimos de imediato o cheiro de boranos, mesmo sem possuir um receptor evolutivamente selecionado para sua forma única. O olfato é ilimitado, como o sistema imunológico, mas é instantâneo, como o sistema digestivo. E tudo o que sabemos sobre a Forma (a Teoria da Forma) e o reconhecimento molecular diz que isso deveria ser impossível” (2006, p. 8). Segundo Burr, a falta de conhecimento detalhado e geral, e a falta de previsibilidade sobre o sentido do olfato faz com que este sentido seja o objeto de duas corridas “encarniçadas”. A primeira corrida é científica e pretende decifrar um dos mais importantes segredos da biologia: “para que uma parte tão grande de nosso DNA seja reservada para olfato, é sinal que este sentido deve ser incrivelmente importante para nós. (...) O único sistema comparável é o sistema imunológico, e todos sabemos por que é importante combater invasores. Isso revela que o olfato foi central em nossa evolução de um modo que, no presente, não compreendemos”.

A segunda corrida na qual Burr se detém é a corrida por dinheiro. Cerca de 20 bilhões de dólares são gerados todo ano por aromas industrialmente manufaturados, e quase todos esses odores são feitos apenas por seis companhias. A criação de uma única molécula de fragrância comercialmente bem-sucedida representa dezenas de milhões de dólares (2006, p. 20). Como podemos ver, as questões que envolvem o mistério do olfato não são poucas e também não se restringem apenas à área científica.

Para seguirmos adiante, ainda vale destacar que mesmo na área científica a discussão sobre a linguagem do olfato não passa despercebida, muito pelo contrário. Durante as entrevistas com o autor de *O imperador do olfato*, o biofísico Luca Turin reitera diversas vezes que um dos principais entraves para a descoberta do sistema olfativo é a própria linguagem. O problema da descrição dos cheiros tem origem científica. Alguns cientistas simplesmente não acreditam na realidade objetiva dos aromas. Dizem que uma pessoa pode sentir um odor de enxofre diferente do odor de enxofre que outra pessoa sente. Para estes cientistas, o olfato é subjetivo. Tudo isso nos faz pensar: se cientificamente o homem tem dificuldades para descrever os cheiros, o que acontecerá no plano artístico, mais especificamente, na literatura? É isso que veremos a seguir.

Odores e palavras: o olfato na literatura

Gargantua e Pantagruel, de François Rabelais, *Tristram Shandy*, de Lawrence Sterne, *Cyrano de Bergerac*, de Edmond Rostand, *O nariz*, de Nicolai Gogol, *Pinocchio*, de Carlo Collodi, e *Zwerg Nase*, de Wilhelm Hauff, Em *Making sense: sense perception in the British Novel of the 1980s and 1990s*, o teórico alemão Ralf Hertel destaca as obras acima como exemplos literários que fazem amplo uso do simbolismo nasal, mas, também ressalta que ainda assim o interesse literário no nariz é bastante subdesenvolvido. Hertel fala da utilização marginal deste sentido em detrimento de outros como a visão e a audição: “em contraste com o penetrante olho ou com o musical ouvido, o nariz tende a implicar incômodas conotações de dissoluta vulgaridade e grotesca abjeção” (2005, p.116). Assim, já no início do capítulo dedicado ao olfato, Hertel se coloca ao lado da ciência; faz as mesmas considerações que os cientistas do sistema olfativo não cansam de repetir: o olfato é o “último” dos sentidos. O sentido menos “nobre”, o menos “necessário”, o mais imperceptível, o menos pesquisado.

Hertel expõe a dificuldade de traçar um panorama histórico sobre a utilização dos cheiros na literatura. Para isso, revela a divergência entre dois autores alemães: enquanto Hans J. Rindisbacher sugere que o século XIX foi um século de comparativo silêncio olfatório nos romances escritos na Alemanha. Kay Himberg apresenta uma longa lista de “textos nasais” escritos no século XIX. Para Himberg, essa época foi o último florescimento de uma grande tradição de fantasmas nasais, visto que o século XX “parece ser demasiado indiferente (...) com relação ao sério problema do nariz.” (2005, p 116). Hertel, por sua vez, contrapõe-se

a Himberg, apontando que a pressuposição não parece suficientemente justificada, uma vez que os anos de 1980 surgem obras como *Midnight's children* de Salman Rushdie, *O perfume* de Patrick Suskind, *Bitch* de Roald Dahl e *The name, the nose* de Ítalo Calvino.

Vale destacar que o nosso objetivo principal, neste ensaio, é trabalhar o olfato como tema central da obra literária (apesar da escolha do romance *O perfume* como referencial literário para refletirmos sobre algumas das questões propostas). Pretendemos, aqui, discutir o olfato em três níveis, a saber: 1) O problema da descrição dos cheiros; 2) O olfato como recurso definidor dos elementos narrativos (cenários, personagens, etc); 3) O olfato e o tempo da narrativa.

Observemos os seguintes fragmentos retirados de *O perfume*: “O suor dela odorava tão fresco quanto a brisa do mar, o sebo dos seus cabelos, tão doce quanto o óleo das amêndoas, o seu sexo como um buquê de lírios-d’água, a pele como flores de pessegueiro” (SÜSKIND, 1985, p. 42); “O calor pairava como chumbo por sobre o cemitério e empurrava para as suas vizinhas os gases da putrefação que cheiravam a um mistura de melões podres e chifre queimado”(SÜSKIND, 1985, p.12) ; “Não cheirava como um odor mas como *um homem que cheira*. Caso se tivesse cheirado esse perfume num recinto escuro, ter-se-ia acreditado que aí havia uma segunda pessoa” (SÜSKIND, 1985, p. 131). Podemos observar em tais parágrafos a utilização de uma linguagem que não está propriamente relacionada ao vocabulário olfativo. Hertel marca fortemente essa questão: Como podem os cheiros ser capturados pelo papel? É a mesma questão colocada pelos cientistas que pesquisam o olfato: uma das maiores dificuldades de se decifrar o mistério do olfato está ligado ao problema de linguagem. Em *O imperador do olfato*, Chandler Burr ressalta o incômodo do biofísico Luca Turin: “Até os perfumistas usavam a palavra madeira para descrever odores que eram completamente diferentes” (2006, p. 277). Em *O perfume*, o autor traz – seja através do narrador, seja através da fala ou do pensamento da personagem - o conflito riqueza de

cheiros versus pobreza de linguagem. No romance, Jean-Baptiste Grenouille é caracterizado como uma personagem que fala pouco e que tem dificuldade de pronunciar palavras que não designam algo que cheire. O narrador adianta que muito em breve a linguagem corrente não será suficiente para que Grenouille possa designar todas as coisas enquanto conceitos olfativos. É como se autor forjasse dentro da própria obra uma reflexão sobre o olfato na literatura. Uma forma de justificativa pela escolha da utilização do olfato na narrativa e uma consciência plena sobre o trabalho que terá durante todo o romance:

(...) que a fumaça, com seus cem odores individuais, a mudar a cada minuto, a cada segundo, constituindo uma nova constelação de odores composta em uma nova unidade, a fumaça do fogo, só tivesse exatamente um único nome “fumaça”, que a terra, a paisagem, ares que a cada passo e, no respirar, de inspiração em inspiração estavam plenos de outro cheiro e, com isso animados por outra identidade, mesmo assim tivessem de ser designados por aquelas grosseiras palavras... todos esses grotescos desacertos entre a riqueza do mundo percebido pelo olfato e a pobreza da linguagem fizeram o garoto Grenouille duvidar do sentido próprio da linguagem, e ele resolveu só empregá-la quando o contato com outras pessoas tornasse isso absolutamente necessário. (SÜSKIND, 1985, p. 28)

Para Hertel, a dificuldade pode estar ligada diretamente ao problema que alguns lingüistas levantaram: “simplesmente não há semântica do cheiro” (2005, p.126). O vocabulário do olfato é formado através de outros sentidos: “*scent* (aroma, fragrância) deriva de *sentire* que denota qualquer forma de percepção sensorial, e ‘aroma’ vem da palavra grega para tempero. Pútrido similarmente refere-se a gosto, assim como essência e bouquet denota um buquê de flores, algo visual e tangível. Mesmo “perfume”, “cheiro” e “fumaça” não são olfativos em sua origem etimológica”. “Perfumare” (esfumaçar através), “smölen” (chamuscado), e “rouhhan” (esfumaçar) se referem a substâncias no ar que podem ser cheiradas e também vistas (2005, p.126). Segundo Hertel, para descrevermos cheiros precisamos lançar mão de analogias (isso cheira como...) ou tomar de empréstimo palavras de outros domínios.

Hertel lança mão de algumas proposições de Kant e Hegel para refletir sobre a dificuldade de capturar os cheiros no papel ou, se quisermos ampliar mais o espectro, sobre uma eventual impossibilidade de existência do olfato no âmbito da arte. Para Kant, o olfato é o sentido menos compensador e mais dispensável. Um sentido que não deve ser cultivado ou refinado por diversão, uma vez que há mais objetos causando desagrado do que objetos causando sensações prazerosas (KANT apud HERTEL, 2005, p. 128). Hegel, por sua vez, defende que as obras de arte devam conter sensorialidade, mas sustenta que isso deve apenas existir como uma ilusão, como uma impressão de sensorialidade: “consequentemente o aspecto sensorial da arte relaciona-se apenas aos dois sentidos teóricos da visão e da audição, enquanto o olfato, o paladar e o tato permanecem excluídos do desfrute da arte” (HEGEL apud HERTEL, 2005, p. 129)

Para Hertel, a única forma de escrever sobre os cheiros é de forma indireta, através de metáforas e comparações. Segundo ele, “cheiros nunca são meramente cheiros, mas trazem consigo significados simbólicos”. Podemos verificar tal preposição analisando a sequência abaixo de *O perfume*:

Madame Grillard já tinha vivido a sua vida. Por fora, aparentava a sua idade real e, ao mesmo tempo, uns 200 ou 300 anos mais velha, ou seja, a múmia de uma jovem; por dentro, porém, estava morta há muito. Quando criança, o pai batera-lhe com o atizador na testa, pouco acima do nariz, desde então, perdera o olfato e toda a sensibilidade para o calor e para frieza humana, para qualquer paixão (SÜSKIND, 1985, p. 23).

O cheiro pode ser, e freqüentemente é, um recurso utilizado para caracterização de personagens, cenários, atmosfera ou ainda um recurso para definir mudanças dramáticas na história. É um artifício sutil, mas bastante significativo na criação dos principais elementos de uma narrativa. A presença de um cheiro específico ou a ausência dele pode determinar a existência, a identidade e o caráter de uma personagem. Em *O perfume*, o protagonista Jean-Baptiste Grenouille é descrito como alguém que não possui cheiro e essa peculiaridade acaba

se tornando o principal impedimento para sua sobrevivência: “Eu só sei uma coisa: que fico arrepiada de horror desse bebê, porque ele não cheira como crianças devem cheirar” (SÜSKIND, 1985, p. 17). É a ama de Grenouille quem fala, em tom de pavor, com o padre que a incumbiu da tarefa de cuidar da criança. A ama está decidida a devolver a criança para o padre, e não há dinheiro que a faça demover de tal decisão. Ainda perplexo, o padre questiona a ama, afinal, como um bebê deve cheirar? A ama vacila, diz que cheira bem, mas não consegue, de imediato, chegar a uma descrição exata: “ela sabia como os bebês cheiram, ela sabia com exatidão; afinal já tinha alimentado, limpado, embalado, beijado dezenas deles... à noite ela conseguia achá-los com o nariz, mesmo agora ela tinha nítido o cheiro de bebê. Mas jamais até então o havia transformado em palavras” (SÜSKIND, 1985, p. 18). Mais uma vez o problema da linguagem. Por fim, a ama define o cheiro de bebê como cheiro de caramelo. Um cheiro que Jean-Baptiste Grenouille definitivamente não tem. A partir daí, uma idéia geral se coloca: se o narrador faz questão de informar que Jean-Baptiste Grenouille *não* possui cheiro, algo errado está no ar. A falta de cheiro (seja bom ou ruim) se torna um indício de que aquela personagem não deveria existir ou de que uma existência inodora não é desejada. Se lançarmos mão de algumas pesquisas científicas citadas anteriormente, neste ensaio, podemos ainda lançar novas proposições sobre a questão *cheiro e existência*. Se quando um casal que está prestes a se separar passa a não suportar mais o cheiro um do outro, podemos concluir que a única forma de não sentir mais o cheiro é extinguir a existência do parceiro, e também de tudo o que pode estar impregnado com o cheiro dele: roupas, lençóis, pequenos acessórios, em alguns casos, um ambiente da casa, ou até a casa inteira. Não sentir o cheiro do parceiro ou, no caso, do ex-parceiro, é a garantia de que o outro está completamente aniquilado. Ter cheiro é existir. Por isso, talvez, o personagem de Jean-Baptiste Grenouille cause tanto incômodo: se ele não possui cheiro, não deveria existir. Se existe, ainda que não emane

nenhum tipo de odor, essa existência não pode ser algo natural, deve ser algo que está fora da ordem das coisas, fora da ordem da natureza.

Partindo da idéia de que determinada personagem possui um determinado cheiro, nossa investigação poderá seguir dois caminhos: primeiro, a personagem cheira bem, possui um odor agradável ou segundo, a personagem possui um odor ruim, portanto, cheira mal. Mas antes de entrarmos nesta dicotomia olfativa, destacamos a relatividade do cheiro bom ou ruim. Quem lança a pergunta é Chandler Burr: “quanto do que consideramos cheiros bons ou ruins é instintivo e quanto provém de aprendizado?” O biofísico Luca Turin defende uma busca pelo “espectro pleno de cheiros” na vida: “a gama de cheiros que torna a vida interessante inclui muitos acerbos” (BURR, 2006, p. 17). Burr, por sua vez, questiona: o que determina o que gostamos de cheirar? A resposta inclui os dois caminhos: biologia e cultura. Em muitos casos, aprendemos a apreciar cheiros que, num primeiro momento, podem nos parecer repulsivos. Podemos pensar nos tradicionais queijos franceses ou em qualquer outro alimento sólido ou líquido que tenha que passar por um processo de deterioração. É, muitas vezes, graças a esse processo, que temos prazer em absorver o odor e degustar o alimento que está a nossa frente. Mesmo na indústria dos perfumes, podemos nos surpreender ao saber a composição de fragrâncias famosas. É Luca Turin quem afirma:

Para um perfumista, não existe cheiro ruim. Todos os grandes perfumes franceses, sem exceção, têm algum ingrediente que é repulsivo, como o almíscar do gato-de-algália, um extrato medonho, de uma intensidade selvagem, tirado do ânus de um gato chinês (BURR, 2006, p. 23).

O “exalar um cheiro agradável” ou simplesmente não exalar um cheiro desagradável parece estar frequentemente associado a uma personagem dona de qualidades positivas, uma personagem virtuosa, de bom caráter, uma personagem que seja bela esteticamente ou ainda uma personagem que tenha uma posição de autoridade máxima ou divina (reis, rainhas, príncipes, deuses). O cheiro agradável ainda pode ser classificado em

duas modalidades: o cheiro agradável *natural*, ou seja, o cheiro que o próprio corpo exala; ou o cheiro agradável *artificial*, um cheiro produzido por substâncias químicas: perfumes, talcos, sabonetes, xampus. Em um capítulo dedicado aos odores, em *Ensaio*, Michel de Montaigne fala sobre a informação largamente propagada de que certos homens históricos, em virtude de uma compleição especial, como Alexandre, o Grande, teriam um cheiro bom. Montaigne se opõe e defende que a melhor qualidade que estes homens poderiam ter é simplesmente não cheirar. Ressalta também que bons odores provenientes de perfumes são, na verdade, uma forma de disfarce, algo para encobrir algum defeito natural. Mas quando se refere aos odores provenientes de lugares e determinados ambientes, Montaigne se coloca de forma contrária:

(...) gosto muito de um ambiente que exale bons odores (...). Os médicos, creio, poderiam tirar melhor partido de que tiram dos odores, pois verifiquei amiúde que atuam sobre mim, segundo essa natureza, e impressionam meu espírito de diversas maneiras; o que me induz a considerar exato o que dizem a respeito do incenso e dos perfumes usados nas igrejas, a saber, que esse costume tão antigo, e tão encontrado nas diferentes nações e religiões, tem por objetivo acordar, purificar e tornar eufóricos os nossos sentidos, a fim de melhor nos predispor à contemplação. (MONTAIGNE, 1972, p. 152)

Em *O perfume*, o “exalar um cheiro agradável *natural*”, está associado freqüentemente à beleza da personagem. As vítimas de Grenouille são moças de uma beleza única e possuem um cheiro próprio, um cheiro que Grenouille não é capaz de produzir. Um cheiro que só é possível absorver no momento da morte.

(...) tinha um cheiro tão assustadoramente divino que, quando viesse se desenvolver em todo o seu esplendor, exalaria um perfume como jamais o mundo até então havia sentido. (...) Em um ou dois anos, no entanto, esse odor estaria maduro, passando a produzir um impacto a que nenhum ser humano, homem ou mulher, escaparia. E as pessoas ficariam dominadas, desarmadas, perdidas diante do fascínio dessa garota, e não saberiam por quê. E porque eram burras e só sabiam usar as suas ventas para ofegar, mas acreditavam poder reconhecer tudo e a todos com os seus olhos, diriam que era porque essa mocinha possuía beleza, graça e encanto. (SÜSKIND, 1985, p. 150)

Quando a personagem possui um cheiro agradável *natural* e, em contraponto, revela ter um mau caráter, podemos pensar que tal característica pode ser uma pista para uma possível mudança da personagem. O cheiro ainda parece ser um forte índice para a identidade da personagem. Nesse caso (o cheiro agradável *natural*), mais ainda porque o cheiro corpóreo normalmente é inconsciente. Não temos noção exata do nosso cheiro. Essa não-consciência da personagem relacionada ao seu próprio cheiro, pode servir como porta de entrada para uma possível mudança. Se, naquele momento, a personagem “parece” estar agindo de forma incorreta, talvez, um pouco adiante, na narrativa, ela possa ter um momento de redenção. Mesmo que a personagem possua um mau caráter, o cheiro agradável pode ser um traço tão contundente que se torna a possibilidade de uma existência diferente.

Diferente do cheiro agradável *natural*, o cheiro agradável *artificial* está relacionado diretamente ao saber, ao ter consciência do cheiro que se exala e do tipo de reação que este cheiro pode causar. Aqui, podemos pensar em dois caminhos possíveis: uma personagem que possui um cheiro agradável *artificial* e também um bom caráter; e uma personagem que possui o mesmo cheiro agradável, mas revela uma personalidade com qualidades negativas. No primeiro caso, a personagem pode passar mais despercebida durante a narrativa, o cheiro não parece ser um índice forte para a trama; como se o cheiro criado artificialmente só funcionasse como uma confirmação da boa índole da personagem. Também podemos associar tal caso a uma certa frivolidade, não tanto da personagem, mas sim do meio em que ela vive. A personagem pode estar envolvida num ambiente que a faça utilizar tal recurso como uma espécie de símbolo do seu status: como devem cheirar os reis? Como deve cheirar uma mulher de classe média alta, bem-sucedida profissionalmente? Como deve cheirar uma garota de quinze anos? No segundo caso possível, onde temos uma personagem com um agradável cheiro *artificial* e também um mau caráter, podemos pensar neste apazível aroma exalado como uma forma de disfarce que o narrador utiliza para encobrir, em alguns

momentos, a verdadeira identidade da personagem. Seduzir pode ser um dos principais objetivos deste tipo de personagem. Voltemos à expressão *perfumare* (esfumaçar através) que pode nos remeter a uma idéia de encobrir, de camuflar, de dissimular. Podemos associar as palavras citadas a sua conseqüência mais direta: traição. Quem encobre, quem dissimula, pode enganar, pode trair. É a personagem fingindo ser o que não é para seduzir e possuir seu objeto de desejo (seja lá qual for). Podemos pinçar como personagem arquetípica a *femme fatale*, a mulher sedutora pronta a destruir qualquer situação de aparente tranqüilidade e harmonia. Aqui, mais uma vez, ter um cheiro agradável pode estar (e na maioria das vezes, está) diretamente associado a uma beleza singular, a uma beleza irresistível. O perfume pode inebriar os sentidos, pode amortecer a razão. Pode fazer com que o sujeito envolvido pelo aroma e pela personagem em questão simplesmente se descole da realidade e, assim, fique a um passo de ser traído.

Não há personagem, na Literatura Ocidental, que cheire tão mal quanto o diabo. Enxofre, borracha queimada, ovo podre. Mesmo que tenha força e fama suficientes para se opor a Deus, o Diabo não tem poderes para se livrar do seu verdadeiro cheiro. Um cheiro associado à decadência, a morte e ao fim. O objetivo de uma personagem cheirar mal parece ser, num primeiro momento, causar repulsa. Da mesma forma que acontece com o cheiro agradável *natural*, o cheiro desagradável exalado pelo corpo se torna um índice decisivo sobre a personalidade ou até mesmo sobre o destino da personagem. Ainda que tenha

um bom caráter, uma personalidade cheia de virtudes, o mau cheiro denota que algo deve estar errado.

O cheiro a que nos referimos é um cheiro imutável, um cheiro próprio, único, exalado pelo corpo da personagem. Atualmente, este mau cheiro *natural* é cada vez menos admitido. Técnicas cirúrgicas (como aplicação de toxinas) ou substâncias químicas podem diminuir ou apagar qualquer rastro de cheiro ruim. Ralf Hertel chama atenção para a desodorização e a reodorização do mundo:

Desodorizados com banhos diários, substituímos nosso próprio odor corporal por perfumes, loções pós-barba. Lavabos e banheiros não mais fedem, mas ainda cheiram: a cítrico, alvejante, purificador de ar, ou todos os outros apetrechos sanitários que a indústria do cheiro oferece. De fato, os cheiros estão por toda parte: anúncios com tiras aromatizadas transformam as revistas femininas em experiências olfativas, terapias aromáticas prometem relaxamento, e mesmo carros são aromatizados com fragrâncias de couro para atrair possíveis compradores. A história dos cheiros, então, não é tanto uma do desaparecimento, mas uma da substituição enquanto os odores naturais são extintos, os artificiais preenchem o vácuo olfativo (HERTEL, 2005, p. 117)

Se o mau cheiro existe, é preciso se livrar dele. Se a personagem é caracterizado por ter um cheiro ruim, um cheiro ruim que não é extirpado, há que se considerar tal informação como uma característica fundamental e, quem sabe, determinante para a composição não só da personagem, como também da trama. Se o cheiro ruim permanece e, no ambiente em que vive, a personagem é a única a possuir tal odor, a consequência mais imediata é a solidão, o exílio, o abandono. Quem vai querer estar ao lado de quem cheira verdadeiramente mal? Em *O perfume*, quando Grenouille deseja que as pessoas se afastem dele, formula uma composição repulsiva e nojenta.

(...) por sua vez, obtinha, através da dissolução direta em álcool, os principais componentes de um perfume que ele punha quando realmente queria estar sozinho e ser evitado. O cheiro criava em torno dele uma atmosfera ligeiramente repugnante, um hálito podre, como exalam ao acordar bocas velhas e maltratadas. Era tão eficaz que até o pouco

exigente Druot tinha de dar meia-volta e afastar-se em busca de ar livre, sem ter idéia do que o havia repelido. E algumas gotas do repelente, espargidas na porta da cabana, bastavam para deixar longe qualquer intruso, homem ou animal (SÜSKIND, 1985, p. 160)

Mas o cheiro desagradável exalado pela personagem não precisa ser algo perene, permanente. Pode ser transitório e involuntário como, por exemplo, quando a personagem está doente (o cheiro exalado pelo próprio corpo) ou quando a personagem passa por alguma situação em que “se vê obrigada” a cheirar mal (prisão, seqüestro, guerra, etc.). Ainda pode ser transitório e voluntário como, por exemplo, quando a personagem abandona a rotina que tem e parte para algum tipo de isolamento. Também podemos “sentir” o mau cheiro quando a personagem se encontra numa situação de decadência ou está prestes a morrer. Aqui, o odor desagradável parece estar menos ligado a uma questão moral do que o cheiro agradável. A morte é inevitável. Todos nós ou todos os nossos corpos, um dia, irão cheirar mal.

No meio do caminho, entre o cheiro agradável e o cheiro desagradável, nos deparamos com os cheiros característicos: o suor, o sêmen, o hálito, os fluídos do corpo. Assim como os bichos, suamos, expelimos secreções quando excitados ou ainda quando sentimos medo. Para Hertel, apesar de todos os esforços higiênicos e de todas as tentativas de domesticação industrial, o cheiro ainda desperta o bruto no homem:

Como muitos estudos demonstraram, a ligação primordial entre odores e excitação sexual opera hoje em dia, mesmo que possa ser reprimida na esfera pública. Ainda assim, feromônios e suor das axilas continuam a influenciar nossa escolha de parceiro de modo irracional. Longe de mostrar um sentido de inautêntica diversão, o cheiro oferece um centro de perturbação, um ponto de entrada para o sensual indomado. Ele rompe o discurso intelectual e acarreta um retorno ao corpo (HERTEL, 2005, p. 119).

Provavelmente mais do que qualquer outro cheiro - mais do que o pior e o melhor dos cheiros possíveis imagináveis - , este cheiro característico (que cada um de nós

tem) seja o mais difícil de definir, o mais difícil de capturar para o papel. Hertel defende que os cheiros introduzem um princípio arcaico, pré-verbal nos textos: “uma corporalidade que em última instância evade a terminologia narrativa”. (HERTEL, 2005, p. 128)

* * *

Assim como acontece com a caracterização de personagens, os cheiros também são decisivos para a descrição de cenários e atmosferas. Tem função de localizar, de criar ambientação ou de definir lugares que não foram descritos detalhadamente. Estar num lugar que não cheira bem, *também* não parece adequado. Prisões cheiram mal, porões, cativeiros. O inferno cheira mal. É possível uma personagem viver bem e feliz num lugar que tenha um eterno cheiro desagradável? Estar num lugar que não cheira bem pode ser a metáfora de que algo na vida daquela personagem também não vai bem ou ainda de que aquela personagem está predestinada a não sair do lugar onde se encontra ou pelo seu mau caráter, ou pela sua falta de virtude, ou pelo que ainda pode vir a ser ou a fazer. Em *O perfume*, Grenouille nasce no “lugar mais fedorento de todo o reino” (SÜSKIND: 1985, p. 12), um ex-cemitério transformado numa feira livre. Grenouille nasce debaixo de uma mesa de limpar peixe. O protagonista que será desprovido de qualquer cheiro possível, mas que vai sentir todos os cheiros existentes sobre a terra, é “batizado” pelo narrador, é apresentado, pela primeira vez na narrativa, num ambiente repugnante. Mais adiante na narrativa, quando Grenouille se posta à frente de uma casa abastada, um “palácio camuflado”, conseguimos captar e visualizar o ambiente através dos cheiros que a personagem começa a sentir:

Estavam aí os cheiros dos barris, vinagre e vinho, depois as centenas de pesados cheiros do depósito, depois os cheiros da riqueza que

transpiravam dos muros como fino suor dourado e, por fim, os cheiros de um jardim, que devia ser do outro lado da casa. Não era fácil captar esses suaves aromas do jardim, pois eles só perpassavam em finas estrias por cima das cumeeiras da casa para descer até a estrada. Grenouille localizou magnólias, jacintos, troviscos e rododendros... (SÜSKIND, 1985, p. 148)

Sabemos que, se naquela casa, existe o cheiro dos barris, do vinagre e do vinho, temos uma casa, em primeiro lugar, onde não há problema de abastecimento de comida. O narrador fala em barris, ou seja, utiliza o plural para definir a provável abundância que se encontra naquele lugar. Não cita o cheiro de leite ou de chá, fala do vinho, uma bebida, em princípio, mais sofisticada e cara. Se, naquela casa, existe lugar para barris, podemos pensar que é uma casa que deve possuir grandes espaços. Lugares onde é possível não só acomodar os barris como também acomodar os serviçais que vão tirar o que deve ser tirado de dentro destes recipientes. O mesmo se dá com as “centenas de pesados cheiros do depósito”: mais uma vez a abundância. Aqui também podemos pensar numa casa possivelmente mais antiga, “pesados cheiros” remete à idéia de lembrança, de memória, cheiros que moram no depósito a dezenas de anos. Por último, temos o cheiro do jardim. Não são flores do campo, não são margaridas. O suave aroma do jardim (as magnólias, os jacintos, etc) passa a idéia de uma casa aristocrata. O cheiro de um cenário pode ser mais eficiente do que uma descrição pormenorizada de todo ambiente. Talvez mais eficiente porque reagimos quase que fisicamente quando conhecemos o cheiro descrito. Nosso cérebro vai buscar na memória o cheiro referido e é nessa busca que voltamos com as lembranças e com as sensações que aquele cheiro nos traz.

* * *

Se admitirmos por completo a proposição de Ralf Hertel sobre o simbolismo e os cheiros, podemos trabalhar não só com a caracterização de personagens e de cenários, por exemplo, como também podemos acolher tal proposição para a construção da trama. É possível pensar no cheiro como um “marcador da curva dramática”. Assim, poderíamos visualizar as mudanças na história, através dos cheiros que se anunciam. Em seu ensaio sobre o olfato, Hertel cita dois romances do escritor inglês Ian MacEwan para falar da associação do cheiro com o modo de ser animalesco. Esses dois exemplos nos servem para iniciar a presente discussão:

Butterflies (...) fala sobre um estupro e assassinato pedófilo cuja revoltante anormalidade é espelhada no péssimo cheiro do estagnado canal próximo ao local em que ocorreu. Em *The confort of Strangers* o mórbido fedor de peixe morto que emana dos canais de Veneza oferece o apropriadamente doentio pano de fundo contra o qual esse estudo sobre o masoquismo perverso é situado” (HERTEL, 2005, p. 120)

Podemos pensar nestas duas passagens como marcos fundamentais para a história. O local onde ocorreu o estupro é próximo ao canal que exala o mau odor. Temos aí o ponto de partida da história ou, para falar em termos dramáticos, o ponto de ataque. A partir deste evento, novas situações se desenvolverão, em locais diferentes, com novas personagens. Que cheiro marcará estas novas seqüências? O autor manterá a atmosfera repugnante exalada pelo canal?

Em *O perfume*, temos como marco inicial a descrição da cidade de Paris e o nascimento de Jean-Baptiste Grenouille. Todos os cantos da cidade e todas as pessoas que nela habitam cheiram mal. Não há nenhum momento, neste início de narrativa, em que o narrador destaque um cheiro agradável. O lugar parece impregnar todos os homens de um odor inconcebível ou seriam esses homens que tornaram o cheiro do mundo tão repugnante? A partir daí, a história de Jean-Baptiste Grenouille é marcada por uma série de eventos que trazem junto odores diferentes. É graças a ausência de cheiro que Grenouille é rejeitado por

todas as amas de leite e também pelo padre que foi incumbido de criá-lo. Grenouille só consegue sobreviver porque vai parar na casa de Madame Gaillard - a mulher que quando jovem perdeu completamente o sentido do olfato. Praticamente durante todo o romance, as mudanças dramáticas estão marcadas pelas mudanças de cheiro ou da percepção do cheiro como, por exemplo, quando Grenouille se dá conta, depois de sete anos isolado numa montanha, de que não possui absolutamente nenhum odor. É isso que faz com que Grenouille retorne à cidade e traga de volta a ação para a trama. Grenouille – graças aos cheiros que sente ou não sente - é quem move o conflito.

No final do romance, quando Grenouille borrija sobre o seu próprio corpo o “perfume mais perfeito de todos”, o perfume que ele havia retirado da sua última vítima, aquela “mais preciosa e mais importante”, todos se jogam sobre ele e começam a esfaqueá-lo até a morte:

Todos se lançaram sobre o anjo, caíram sobre ele, arrastaram-no para o chão. Cada qual queria toca-lo, cada qual queria ter uma parte dele, uma peninha, uma asinha, uma pequena chama do seu maravilhoso fogo. (...) Em pouco tempo o anjo estava esquartejado em trinta partes e cada integrante da corja catou um pedaço e retirou-se, arrastado por um excitado desejo, para devorá-lo. Meia hora mais tarde, Jean-Baptiste Grenouille havia, em cada fibra, desaparecido da face da terra. (SÜSKIND, 1985, p. 218)

É o retorno ao início do romance. A extinção de qualquer cheiro agradável. Estamos condenados a viver envolvidos pelos piores odores possíveis porque não temos capacidade de usufruir do belo e do bom sem destruí-lo. Antes que o *gran finale* se inicie, o narrador sugere que vamos voltar para onde começamos:

O dia se tornou quente, o mais quente até então nesse ano. Os milhares de cheiros e fedores brotavam como de mil bolhas rebentadas de pus. Nenhum vento soprava. As verduras nas bancas do mercado murchavam antes do meio-dia. Carnes de gado e peixe apodreciam. Nas ruazinhas pairava o ar empestado. Mesmo o rio parecia não mais correr, apenas ali

parado e fedendo. Era como no dia do nascimento de Grenouille (SÜSKIND, 1985, p. 216)

O narrador marca a volta ao mesmo ponto dramático através do cheiro: “era como no dia do nascimento de Grenouille”. Com a extinção do melhor cheiro dos mundos pelos próprios homens, não há esperança para a humanidade. Grenouille prova que todos (mesmo aqueles que o julgaram anteriormente) são capazes de matar - assim como ele fez - em busca de um prazer maior. Só não haviam feito antes porque estavam como que anestesiados pela capacidade limitada de sentir qualquer tipo de odor. Quando Grenouille borrifa uma grande quantidade do perfume sobre o próprio corpo, ele desperta o irracional ou, para voltar a uma expressão de Ralf Hertel, ele desperta o bruto no homem, o modo de ser animalesco e assim revela que este homem é um animal do qual não se pode escapar.

* * *

Cheiro e memória. Cheiro e recordação. Ao sentir um aroma, uma personagem pode evocar imagens que a remetem diretamente ao passado. O cheiro faz a personagem retomar uma sensação que já sentiu, lembrar lugares e pessoas que já conheceu. Poderia, então, o olfato estar fadado a ser um sentido com o tempo verbal no passado? Qual ou quais são os tempos do olfato na literatura?

Se pensarmos nas peculiaridades científicas deste sentido, poderíamos supor que não há nada mais natural do que considerar o olfato como um sentido do passado. É o único sentido comandado pelo sistema límbico - o mesmo que rege nossas emoções e nossa memória. Hertel destaca que a própria falta de vocabulário olfativo contribui para a

“altamente evocativa e mnemônica qualidade da percepção olfativa”. É comum associarmos os cheiros a outros cheiros: “isso cheira como peixe”, “isso cheira como algo mofado”. Ou seja, normalmente associamos um cheiro a algo que já conhecemos no passado. Tal associação feita, podemos mergulhar inevitavelmente num momento já acontecido. Em *O Perfume*, quando Grenouille deseja ficar num estado de ânimo incontrollável em que se “regala em ódio e nojo”, começa a sentir os cheiros mais remotos de sua vida. Grenouille busca, na memória, os odores que o desequilibram emocionalmente.

Para ficar no estado de ânimo certo, invocava primeiro os mais antigos, os mais remotos: o vapor hostil, fumacento, do quarto de dormir de Madame Gaillard; o odor de couro estragado das suas mãos; a respiração de vinagre azedo do Padre Terrier; o suor histérico, quente, da ama Bussie; o fedor de cadáveres do Cimitière des Innocents; o cheiro de assassina de sua mãe (SÜSKIND, 1985, p. 110).

São cheiros do passado, mas que ainda causam turbulência no interior perturbado de Grenouille. Assim, se o cheiro traz de volta lembranças e, sentimentos sobre essas lembranças, o cheiro traz também sensações imediatas. É nesse movimento físico e psíquico que podemos entender o olfato como um sentido proximal. Para que uma série de lembranças venha à tona, para que a memória e todos os sentimentos sejam reativados, é preciso, num dado momento *presente*, que a personagem sinta ou evoque o cheiro. O cheiro inspirado, em momentos anteriores, se movimenta numa gangorra entre o presente e o passado. Ao sentir tal aroma, a personagem se coloca numa determinada disposição anímica e passa a recordar o que vivenciou. Tal ação se dá mais comumente no interior da personagem. Podemos ter até mesmo uma espécie de paralisação da ação para que a personagem investigue suas recordações, suas memórias e seus sentimentos. Os verbos utilizados nestes momentos da narrativa são normalmente os chamados verbos de ação interna (sentiu, lembrou, se emocionou). É o cheiro usado como ponte para os diversos tempos passados da narrativa, um recurso bastante utilizado, porém, nem por isso menos sofisticado.

Aqueles cheiros que são inspirados e não fazem parte da memória olfativa da personagem ou do narrador podem ser considerados os cheiros definidores da narrativa, cheiros que caracterizam lugares, personagens, atmosferas, etc. São os cheiros imediatos, os cheiros do tempo presente. Poderíamos pensar que os cheiros do presente têm mais a ver com a ação que se desenrola imediatamente, ou seja: a personagem sente um cheiro e pode agir em resposta àquilo que cheira, naquele exato momento. Ao sentir, pela primeira vez, o cheiro de Laure Richis, Grenouille se joga até a casa da moça e premedita, naquele mesmo dia, um assassinato que irá realizar dois anos depois. O cheiro de Laure é o catalisador de todo o projeto de vida e de morte de Grenouille. Ele age a partir do cheiro de Laure. Ele começa a matar a partir do cheiro da garota.

Podemos considerar que na literatura, assim como na ciência, o olfato é um sentido mais restrito ao presente e ao passado. Os cientistas falam do problema da fugacidade do odor e, ao mesmo tempo, comprovam a ligação do odor com a memória (os dois regidos pela mesma região do cérebro). Na literatura, podemos fazer um exercício de memória e tentar lembrar quantas vezes um cheiro fez a personagem se remeter ao futuro. Se pinçarmos outro sentido como a audição, por exemplo, nos deparamos com um caso bastante diverso. A música pode fazer com que a personagem entre num estado de ânimo tal que consiga se imaginar num outro momento, num lugar que ainda não conhece, fazendo qualquer coisa que deseja. Um filme inteiro pode ser formulado pela imaginação de uma personagem que ouve uma música. Podemos nos remeter ao passado quando ouvimos uma música, podemos simplesmente usufruir do momento presente ou ainda projetar cenas em que nós estaremos presentes. A audição tem a qualidade de pertencer aos três tempos.

* * *

Ao fim desta investigação, é possível perceber claramente que pouco os autores literários utilizam-se do olfato. O “o último sentido” está relegado ao segundo plano, é fato. Mas pudemos chegar à conclusão que esta “resistência” parece ser menos uma questão de gosto do que uma real dificuldade em capturar os cheiros para o papel. Uma dificuldade que não começa no mundo ficcional, mas sim no âmbito científico que estuda e investiga a vida, o mundo real. Biólogos, físicos, químicos, biofísicos ainda não conseguiram desvendar todos os mistérios do olfato e ironicamente, esses mesmos cientistas, colocam como um dos grandes obstáculos para o conhecimento total desse sentido, a pobreza da linguagem. É um andar em círculos: o olfato não é totalmente decifrado devido à pobreza de linguagem ou a pobreza de linguagem (a falta de um vocabulário olfativo, a dificuldade que os autores possuem de dominar literariamente os cheiros) é originada pela falta de conhecimento científico? A dificuldade em descrever com exatidão os cheiros pode estar atrelada a uma possível subjetividade (ignorada e execrada por alguns cientistas) e aí, no momento onde a descrição de um cheiro, de um aroma se torna mais precisa, mais detalhista, a percepção sensorial de uma pessoa pode ser diferente da percepção de outra (teoria defendida também por cientistas do olfato).

Talvez a origem do problema do olfato não seja completamente desvendada, mas, aqui, nos interessa pensar na compatibilidade do olfato com a literatura. Diante de tantas histórias já escritas, de formas e formatos experimentados, podemos pensar no “problema” que olfato coloca para literatura: o problema se torna, num primeiro momento, um desafio: De que maneira o escritor irá dominar e inventar uma linguagem própria para os cheiros? Como podemos apresentar a percepção sensorial olfativa na ficção? Num segundo momento, podemos pensar nas infinitas possibilidades que o olfato traz para narrativa literária: o plano simplesmente descritivo, numa primeira instância e também, como defende Hertel, o plano simbólico (um cheiro nunca é somente um cheiro). O que não podemos ignorar é a amplitude

e a profundidade em que este sentido pode operar. Como vimos, o olfato pode ser um recurso eficiente para expandir a percepção da obra literária. Os cheiros podem afetar o leitor num plano físico e, por consequência, num plano emocional. Acessar o olfato pode ser uma forma consciente de chegar às emoções mais camufladas, ao nosso lado mais instintivo.

Laranjeira: árvore de copa densa e arredondada, caule armado de espinhos finos e longos, folhas elípticas com pecíolo alado, flores brancas aromáticas em cimeiras axilares, e frutos esféricos de superfície áspera, coloração alaranjada ou avermelhada quando bem maduros, casca muito aromática e amarga, polpa ácida e âmago doce. As flores da laranjeira são brancas e cerosas. Possuem apenas cinco pétalas. Há vários séculos que a flor de laranjeira é considerada um símbolo do casamento.

A RUA DAS LARANJEIRAS

1.

A Rua das Laranjeiras é um recanto verde, sem saída. Uma rua curta com um pequeno bosque e, no fim de tudo, uma lagoa de água salgada. Entre as árvores, existem somente quatro chalés de madeira e uma casa de alvenaria. À luz de um sol forte, é possível ver a decadência nos detalhes: os chalés se equilibram entre as madeiras podres, as janelas rangem com as dobradiças enferrujadas, o mato cobre o caminho de pedrinhas rugosas que leva até um pequeno trapiche. Tudo tem aspecto de passado, um passado recente e abandonado.

A melhor maneira de conhecer a Rua das Laranjeiras é à noite. A luz azulada encobre todas as imperfeições e o cenário decadente se transforma num lugar bucólico e sensual. Miguel e Catarina saem do carro e caminham em direção ao caramanchão. O clima é morno e uma brisa vagarosa circula entre as folhas das árvores. Os dois se sentam no banco, em frente à lagoa. A madeira está carcomida e algumas partes rabiscadas com assinaturas de gente que não é dali, mas Catarina nem repara. Está absorta. Arrebatada por Miguel.

Na casa de alvenaria - a “casa do meio” - uma luz amarelada de vela treme com a brisa. Silvia acaba de puxar a cortina para espiar o casal sentado no banco. Não pode adivinhar quase nada de Catarina, mas pelo comprimento e pelo brilho dos cabelos, intui que se trata de uma mulher jovem. Talvez oito ou dez anos mais jovem do que ela. Silvia morde o pão de centeio sem gosto e mastiga rápido, devorando um pedaço grande de massa. Não tira os olhos do quadro romântico. Vê, agora, Miguel segurar o rosto de Catarina com as duas

mãos. Gostava desse jeito de Miguel tocar. Gostava das mãos grandes e ásperas. Sempre se sentiu amada quando Miguel pressionava os dedos sobre suas têmporas. Silvia calcula que Catarina deve ser bonita. Alguém que Miguel deseja impressionar - por isso havia escolhido aquela hora da noite para apresentar o cenário da Rua. Solta os ombros com um suspiro. Sabe que não conseguirá fazer mais nada. Precisa sair logo dali e voltar para o seu chalé. A casa do meio é uma espécie de área comum dos moradores da Rua. Tem uma cozinha, um banheiro, uma grande sala e uma varanda. Silvia desliga o abajur, apaga a vela e joga o resto do sanduíche no lixo. Abre a porta devagar. Tem vontade de correr, mas sabe que precisa se controlar para fazer o mínimo de movimento. Assim, pisa macio. O corpo magro pressiona de forma delicada as folhas soltas pela grama. Silvia atravessa algumas sombras de galhos e vai serpenteando o terreno até chegar ao seu chalé.

Fecha a porta e permanece imóvel. Olha a bagunça de livros por todos os lados. Alguns empilhados numa estante de madeira de demolição, outros no chão, na mesa, ao lado da cama. Sobre uma escrivaninha de madeira de carvalho-preto, uma chaleira e uma xícara com chá frio. Silvia senta na cama.

Os olhos parados naquele silêncio conhecido.

Ela sozinha.

*

Silvia conheceu Miguel, numa festa, na Lagoa da Conceição – um bairro antigo de Florianópolis. Era sexta-feira. A casa grande, arejada, de madeira fina pintada de marrom, ficava no alto de um morro. Tinha portas-janelas em quase todas as paredes e o limite entre o jardim e a construção praticamente não existia: vasos grandes com bromélias e palmeiras estavam espalhados dentro das duas salas principais e alguns sofás e pufes ficavam do lado de

fora, entre as árvores. De quase todos os cantos do terreno era possível avistar a Lagoa e a praia da Joaquina. Algumas pessoas circulavam entre a fumaça e as folhagens do jardim, outras se juntavam em pequenos grupos. Silvia conversava com alguns amigos. Estavam próximos a um jardim de inverno. Todos eram mais ou menos conhecidos. Professores, mestrandos e doutorandos de Antropologia, História, Geografia. A conversa era cruzada, os assuntos pipocavam entre um copo e outro de cerveja ou um baseado coletivo. Silvia havia se encostado a uma árvore e, em torno dela, estavam Jorge e Chico. Os três começaram uma discussão sobre Nietzsche e acabaram se afastando do resto do grupo que continuava a fumar maconha e olhar a paisagem humana da festa. Jorge, num discurso que andava em círculos, insistia em desqualificar o filósofo alemão. Chico e Silvia se olhavam, agora, com uma cumplicidade de quem subestima o interlocutor e está começando a perder a paciência.

- Tu tem que ler mais - disse Silvia, tentando controlar a irritação.

- Concordo, mas não precisa ser Nietzsche.

- Tu tá um porre, hoje, Jorge! Silvia sentiu uma agressividade conhecida. As duas doses de vodka que tomara em casa, mais a cerveja e o baseado começavam a fazer efeito. Percebeu os dois homens que haviam se aproximado do grupo. Na verdade, notou o homem mais alto e loiro que estava muito próximo deles. A percepção foi logo interrompida por Jorge:

- Não, tudo bem. Tô falando é porque virou moda falar dele. As pessoas lêem uma frase de efeito e transformam o cara em Deus.

- Tu nem leu e taí falando... É muito pior.

O homem alto e loiro ouvia a conversa com interesse.

- Já li, Silvia. Achei uma porcaria, mas já li.

Silvia balançou a cabeça e largou um suspiro.

- Leu, mas não entendeu! disse o homem alto e loiro. Era Miguel. Os três amigos olharam imediatamente.

- Só pra começar: o cara teve coragem de abandonar Deus e a razão ao mesmo tempo! – disse Miguel, animado, e fez uma curta e apaixonada defesa do filósofo alemão. Quando acabou, abriu um sorriso cínico revelando um dente incisivo completamente torto.

Jorge, Silvia e André ficaram atônitos. Ela nunca soube dizer o que a desconcertou mais naquele momento: se foi a forma arrogante como Miguel entrou na conversa ou se foi o sorriso cínico com o dente torto. Era provável que fosse tudo aquilo junto.

- Quem trouxe? Perguntou Jorge.

Silvia percebeu que o amigo precisava levantar um pouco mais a cabeça do que de costume para falar com Miguel. Não era baixo, mas perto de Miguel e do natural ar de superioridade dele, parecia muito mais baixo. Jorge ergueu a cabeça e perguntou se Miguel não havia errado de festa. Ali, no grupo, ninguém o conhecia.

- Não seja por isso - respondeu Miguel virando-se para Silvia e estendendo a mão. – Miguel, muito prazer. É Silvia, né?

Ela cumprimentou Miguel com a cabeça, mas não estendeu a mão.

- Arisca, hein... Quer dançar? Aposto que esse cara não sabe dançar - disse, apontando para Jorge.

Algumas risadas cortaram o clima tenso que se armava entre o grupo. Silvia olhou para a pequena platéia que acompanhava com curiosidade a discussão e sentiu as maçãs do rosto queimarem.

- ‘Tá, valeu. Outra hora. Agora tu tá sendo inconveniente.

- Uma coisa eu garanto: se tu gosta de Nietzsche, tu vai gostar de mim também.

Silvia não sorriu para Miguel. Apenas fez um gesto delicado, pedindo passagem, e saiu do campo de visão de todos. Buscou refúgio dentro da casa. Entrou na cozinha à procura de um copo de cerveja e só depois de tomar dois ou três goles se deu conta de que havia ficado exageradamente nervosa com toda aquela conversa. Não tinha dúvidas de que havia achado Miguel interessante, mas não entendia por quê. Afinal, ele pareceu arrogante, um pouco cínico, sarcástico, sem dúvida. Lembrou também do dente. O dente incisivo completamente torto. Silvia se apaixonou, primeiro, pelos defeitos de Miguel.

*

Entre as cortinas do seu chalé, Silvia observa Miguel e Catarina. Os dois continuam sentados no banco, em frente à lagoa e Silvia não consegue parar de olhar para os cabelos da garota. A cada movimento do corpo, os fios de cabelo se mexem em ondas castanhas, deslizam pelos ombros e pelas costas. Silvia longe, mas os olhos mergulhados em fios.

Miguel levanta do banco e puxa Catarina junto ao peito. Os dois se beijam.

Silvia esfrega os braços, na tentativa de se aquecer. Puxa uma colcha velha sobre o corpo enquanto Miguel e Catarina começam a andar em direção a casa do meio. Catarina logo se desvencilha do abraço de Miguel e anda pelo gramado observando tudo com curiosidade. Parece completamente à vontade em meio ao lugar desconhecido. As sombras das copas das árvores e do telhado da casa do meio cobrem o trajeto dos dois. O casal pára em frente a casa e Silvia começa a imaginar o que Miguel estaria falando. Sabia romantizar tudo quando tinha um alvo. Provavelmente mencionaria algo sobre uma comunidade alternativa na Rua, o quanto havia se dedicado, quantas árvores havia plantado, de quantas plantas havia cuidado.

Os pensamentos de Silvia são cortados por mais um beijo do casal. Lento, intenso. Beijo de início. Miguel traz o corpo de Catarina para perto, os dois param por um momento e se olham. Silvia esfrega mais uma vez os braços magros, tentando afugentar o frio que teima em se instalar no seu corpo. Quando o casal se separa, Silvia não pode ver, mas Catarina está com um sorriso tonto nos lábios. Miguel não resiste à expressão ingênua e pega Catarina no colo. Enquanto ele caminha em direção ao seu chalé, Catarina deixa a cabeça pender para trás. Apóia a nuca no antebraço de Miguel e vê as estrelas turvas, desfocadas. O casal passa pela frente do chalé de Silvia, mas não nota a luz acesa e, muito menos, a cortina entreaberta. Silvia acompanha a caminhada romântica. Presencia uma cena conhecida.

*

Depois de dois copos de cerveja, Silvia saiu da cozinha em direção à sala principal. A música estava alta. Algumas pessoas dançavam numa pista improvisada. Chico acompanhava um reggae preguiçoso com duas amigas. Silvia foi até o jardim da casa e viu Jorge, sozinho, fumando mais um baseado perto de um *flamboyant*. Voltou para dentro da casa e se juntou ao pequeno grupo. Recém começara a tocar uma música. Silvia sentiu o corpo cambaleante. Tinha uma medida ideal de álcool na cabeça. O suficiente para não cair, o suficiente para não pensar em como estava dançando. Chico mexia o corpo completamente fora do ritmo e Silvia ria e começava a se soltar. O som encheu o ambiente e mais pessoas invadiram a pista. Enquanto Chico ainda dançava no lento compasso jamaicano, Silvia girava o corpo numa fúria cadenciada. Dançava quase entregue ao próprio corpo. Tanto que, às vezes, fechava os olhos sem se dar conta. Não percebeu que Miguel a observava de longe. Também não percebeu quando ele se aproximou e se encostou a um pilar próximo à pista. Analisava Silvia (a fúria e a delicadeza num corpo). Num dos giros frenéticos, os dois se

olharam. Silvia virou o rosto como se não tivesse visto ninguém. Mas as pernas ficaram trêmulas e ela teve dificuldade de continuar a girar e dançar como estava dançando. A música terminou poucos segundos depois. Silvia permaneceu de costas para Miguel, mas podia apostar que ele continuava a observá-la. Comentou qualquer coisa superficial com Chico. O corpo queimava, mas ela sentia que conseguira controlar a situação. Voltava a movimentar o corpo suavemente. Aos poucos, foi retomando o ritmo mais agressivo, mas não conseguia mais se soltar. A vaidade tornava a dança de Silvia menos natural, menos fluida. Miguel saía e voltava. Encostava-se sempre no mesmo pilar e pousava os olhos sobre Silvia. Ela, ao mesmo tempo em que sentia a dança como uma segurança garantida, também se sentia enclausurada. Sem movimentos, sem ações. Quando um homem se aproximou para conversar, Silvia o descartou da forma mais charmosa possível (coisa que nunca fazia. Dispensava aqueles que se aproximavam com a mesma antipatia que nutria, muitas vezes, por ela mesma). A queda vexatória de um convidado na pista foi a oportunidade de fuga. Quando Silvia se virou para o pilar, percebeu que Miguel havia sumido. Encontrou Jorge e Chico no gramado da frente. Combinaram de ir para outra festa, perto dali.

O carro de Jorge já havia se afastado duas ou três quadras da casa, quando uma moto surgiu e ficou ao lado do carro, numa sinaleira. Era Miguel. Silvia olhou e todos que estavam no carro também. Jorge falou alguma coisa sobre a inconveniência, a arrogância ou a prepotência de Miguel. Silvia não ouviu. Miguel fazia um gesto para que ela descesse do carro. O sinal abriu e Jorge deu a partida. Miguel continuou a perseguição por mais duas quadras. Assim que o sinal fechou, desligou a moto e saiu em direção ao vidro de Silvia. Jorge abriu a porta do carro. Silvia desceu e ficou frente a frente com Miguel. Dissimulada, ainda tentou tomar satisfações. Miguel segurou seu rosto com as duas mãos, pressionando levemente as têmporas, e a beijou.

Antes de fechar os olhos, Silvia ainda conseguiu ver o dente torto de Miguel.

Achou bonito.

2.

Miguel estacionou a moto na frente de uma casa grande e mal cuidada.

Não disse uma palavra e pegou Silvia no colo. Ela não sabia se ria ou se levava tudo aquilo a sério. Miguel distribuiu beijos por todo o rosto de Silvia e teceu elogios à boca, à pele e aos ombros. Disse que não havia tirado os olhos dos ombros durante toda a noite. Entraram no quarto de Miguel na madrugada de sábado.

*

Silvia ainda se mantém a espreita. Tenta observar a movimentação do casal através das luzes internas do chalé de Miguel. Silvia conhece bem a geografia da casa. Os frisos das janelas e das tábuas de madeira vão se iluminando. Uma luz fraca surge no quarto de Miguel. Silvia sabe (mesmo sem ter estado lá naquele dia) que a cama deveria estar desarrumada. Miguel só esticava os lençóis antes de dormir ou antes de se deitar com alguém. Por isso, sempre teve lençóis totalmente brancos, sem nenhum desenho. Dizia que gostava de ver a cama desarrumada, os lençóis brancos mudando de cor através da luz do dia. O branco-acinzentado do início da manhã. O branco-brilhante e amarelado do meio-dia, o branco-azul violáceo do fim de tarde. O branco-escuro da noite. Também dizia que uma cama desarrumada de lençóis brancos era uma cama com passado e, ao mesmo tempo, uma cama com vida, uma cama de alguém que está prestes a chegar, ou de alguém que está prestes a se

deitar, acompanhado. Silvia espera Miguel acender a luminária do quarto e só, então, sai da janela. Fecha a cortina e se encolhe na cama. Sente mais frio. Lembra do dia em que havia presenteado Miguel com a luminária. Silvia passou duas semanas confeccionando o objeto. Fez tudo. Da base de cana-da-índia até a fiação e a cúpula cravejada de conchas. Numa segunda-feira, apagou todas as luzes do chalé e esperou Miguel, deitada na cama deles. Quando ele abriu a porta, e perguntou para Silvia por que ela estava deitada ali, no escuro, ela não disse nada e acendeu a luminária. Miguel se deitou sobre Silvia. Os olhos azuis dele brilhavam sob uma luz âmbar.

Agora, Silvia imagina a luminária lá. Longe dela. Iluminando a mulher que os olhos de Miguel admiram. Silvia aperta com força os olhos na tentativa de extinguir sua imaginação, mas o pensamento é quase um reflexo. Consegue construir milimetricamente a cena que estava acontecendo no chalé de Miguel.

*

Silvia e Miguel ficaram trancados no quarto de Miguel desde a madrugada de sábado até a segunda de manhã. Ele só saía do quarto para buscar comida. Os amigos que dividiam a casa já estavam acostumados aos hábitos de Miguel. Silvia não se preocupou em avisar ninguém, deixou-se ficar sem pensar em nada. Os dois se perderam no tempo. Bebiam vodka no café da manhã, almoçavam de noite e transavam nas horas mais lentas da tarde. Trocaram segredos íntimos e feios, revelaram seus recalques e se descobriram muito parecidos nos traumas de infância e adolescência.

Miguel estava em Florianópolis há mais de cinco anos. Saíra de São Paulo, capital, com a certeza de que só conseguiria levar a vida adiante se estivesse longe da família e da cidade-monstro. Buscava o lugar da infância. Havia vivido até os catorze anos de idade

numa cidade pequena, no interior paulista. A família morava num terreno doado por um tio de Miguel. Ali, plantavam o que podiam e colhiam o que precisavam. O pai trabalhava como marceneiro dos arredores. Miguel era o mais novo de quatro irmãos. Ajudava a mãe no campo. Acordava com o céu ainda escuro, cumpria uma infinidade de tarefas, mas gostava da vida com era. A mãe lhe dizia que tinha o “dedo verde”. Todas as sementes plantadas germinavam. Mesmo quando não estava a trabalho, Miguel se jogava para o campo. Apesar de toda a rotina severa e repetitiva, sentia-se livre. Adorava correr sozinho, tentando tocar o horizonte. Foi o irmão mais velho quem tirou a família do lugar. Estava na capital há pouco mais de seis meses, e convenceu, sem dificuldade, o pai a trabalhar na construção civil. Logo a família inteira estava em São Paulo. Foram morar num apartamento pequeno de dois quartos, na periferia, mas não demorou muito para o trabalho se tornar esporádico. A família empilhada no apartamento e o dinheiro acabando. O trabalho na construção escasseou. E o pai de Miguel se agarrou à vocação de marceneiro e assumiu uma rotina de dezoito horas de trabalho para poder sustentar a casa e os filhos que ainda estavam com ele. Miguel estudava pela manhã e, à tarde, ajudava o pai. Lixava mesas, escrivaninhas, cadeiras. Quando fez dezessete anos, conseguiu seu primeiro emprego. Era office-boy de um banco localizado no centro da cidade. Ficou assim numa vida medíocre de banco e casa, casa e banco durante quase dois anos. Só uma paixão fez Miguel mudar. Marta era a gerente do banco. Uma mulher de trinta e cinco anos. Loira, alta, ossos grandes. Miguel fazia rápido o que precisava fazer na rua e voltava afoito, suado, tentando encontrar a gerente. Sempre fazia mais do que lhe pediam. Para chamar atenção, era competente. E para se tornar mais homem do que office-boy, decidiu prestar vestibular. Achava que isso lhe traria um certo ar de respeito. Tinha dezenove anos. Saía do banco e ia direto para o cursinho, à noite. Dois dias antes das provas de Miguel, a gerente foi transferida para Florianópolis. Ele juntou todas as economias, vendeu uma televisão recém-comprada e foi atrás do suposto primeiro amor adulto. Lá, numa

conversa matutina, no bar em frente a filial do banco, Miguel perdeu todas as expectativas de uma só vez. Antes que ele pudesse abrir a boca, percebeu uma delicada saliência por baixo da camisa de seda da gerente. O sentimento novo, intenso e desgovernado se esvaiu de imediato. Se havia algo que pudesse fazer com que Miguel desistisse, era a existência de uma criança. Não conseguiu ficar nem triste nem indignado. Não sabia por que, mas respeitava a ordem natural das coisas. Não faria nada para mudar o que estava determinado. Mentiu para a gerente dizendo que estava por lá para procurar emprego, que conhecia Florianópolis desde criança e que se ela tivesse algo no banco, qualquer coisa, ele estaria interessado. Uma semana depois, Miguel era auxiliar do setor de finanças. Foi assim que deixou para trás a vida na capital paulista.

Silvia e Miguel tinham transado há pouco mais de vinte minutos. Estavam com os corpos estendidos sobre a cama. Os lençóis brancos de Miguel. Muito velhos e brancos.

- Tu transou pela primeira vez com quantos anos? - perguntou Miguel.

- O quê?

Miguel riu.

- É uma boa maneira de conhecer alguém: saber quando essa pessoa deu pela primeira vez... Quando, como, pra quem...

- Bom, então tu não vai me conhecer...

- Eu transei com onze anos.

- Tu não transou, tu foi seduzido.

Miguel balançou a cabeça positivamente.

- Seduzido por uma garota de treze anos.

Miguel puxou o lençol, descobrindo Silvia e ela o encarou. Tinha a segurança e a naturalidade de alguém que gosta do próprio corpo. Miguel fez questão de olhar com calma

para ela dos pés à cabeça. Conseguiu notar um brilho tênue que cobria algumas partes do seu corpo. Ombros, principalmente. O suor começava a tomar conta de quase toda a pele. Miguel começou a se aproximar, mas Silvia puxou o lençol para se cobrir. Disse que precisava ir embora. Era domingo. Trabalhava cedo, na segunda. Um congresso sobre Direitos Humanos.

Miguel a encarou por um longo tempo e, com uma voz calma, pediu para Silvia não ir embora. Disse que não conseguiria ficar sozinho. Mas não foi o pedido de Miguel que fez Silvia mudar de idéia. Ela reconsiderou depois de se deparar com um olhar de quem está no meio do nada. Ficou surpresa com a carência repentina.

Silvia estava fora de casa há quase sete anos. Saiu de Caxias, aos dezoito, por causa da mãe. Fez vestibular sem contar para ninguém. Inventou uma viagem com uma amiga, e foi para Florianópolis. Passou em Sociologia, na Universidade Federal. Perdeu duas noites pensando em como iria falar para a mãe que tinha resolvido morar longe dela e longe de tudo que pudesse fazê-la lembrar da perda do pai ou do quanto se sentia perdida desde a sua morte ou do quanto se sentia excluída de uma família de pessoas extremamente bonitas. Em casa, eram quatro mulheres. Silvia, sua mãe e duas irmãs. Silvia era a segunda filha, a única sem olhos verdes, a única metida a intelectual. Depois de dois dias remoendo pensamentos, memórias e expectativas, comunicou a novidade para a mãe. Contou tudo sobre a faculdade, sobre o desejo de sair. Estava tranqüila e não deixou de se impressionar por isso. A mãe resolveu apoiar a filha na mudança de cidade e de vida. Apesar da felicidade misturada com um certo alívio por conseguir, enfim, ficar longe da mãe, Silvia não pôde evitar uma tristeza minúscula que se instalou de repente, assim que sua mãe se mostrou tão receptiva à idéia da filha ir morar longe. Decidiu não investigar o sentimento incômodo, apenas acolheu aquela pequena dor consciente de que teria de conviver com ela. Assim, foi embora de casa três semanas depois. Nos primeiros anos, não levantou a cabeça dos livros. Estudava, lia, analisava. Sentia um constante latejar na cabeça e acreditava que era o seu próprio corpo

reagindo a tudo que estava conhecendo. Conseguiu todas as bolsas disponíveis: de monitoria até bolsas de pesquisa do Ministério da Educação. Aos poucos, quando já se sentia integrada ao curso, quando todos os professores a conheciam e a reconheciam como uma aluna inteligente, quando já havia feito dois ou três amigos que gostavam de estudar e de debater tanto quanto ela, começou a ser um pouco da Silvia que sempre havia sido. Um sorriso fácil se postava no rosto e, ao mesmo tempo (quando se fazia necessário), surgia uma agressividade quase inexplicável para defender o que achava certo ou rebater o que achava errado. Tudo isso contrastado com um olhar levemente aguado – um pouco perdido, que entregava um coração carente na maior parte do tempo.

Era segunda de manhã. Silvia abandonou o sono guiada pela voz masculina que cantarolava uma música. Abriu os olhos com dificuldade e viu Miguel, de costas para ela, em frente à janela. Estava nu. Silvia observou o corpo com deslumbre. Cada detalhe. Miguel se virou, de repente, como se estivesse sentindo os olhos de Silvia sobre ele. Disse, num tom grave, que ela era a mulher da sua vida. Silvia não disse nada. Quando saíram do quarto, encontraram Rogerinho. O dono da casa. Assim que viu Miguel, tratou de cobrar os últimos três meses de aluguel. Disse que esperaria até quarta-feira, caso contrário, teria de passar o quarto adiante. Silvia tentou disfarçar, descendo alguns lances de escada, mas ainda pôde ouvir e perceber o tom constrangido e raivoso da resposta de Miguel. Trocaram poucas palavras no trajeto até a casa de Silvia. Miguel a acompanhou até o apartamento e entrou sem cerimônia. Na sala, Chico e Henri tomavam um chimarrão e não esconderam a expressão de surpresa ao ver Silvia com Miguel. Henri apertou a mão do visitante e ofereceu o chimarrão. Chico apenas esboçou um aceno de mão, mas a conversa começou a fluir animadamente. Silvia contou como os três se conheceram e o que cada um fazia. Chico, assim como Silvia, era gaúcho. Nascido em Porto Alegre, veio para Florianópolis e formou-se em Geografia. Aos

27 anos, já dava aula na faculdade federal. Henri era o mais velho dos três, mas - devido à brancura germânica da pele e alguns traços genéticos estranhos - aparentava ter pelo menos, dez anos mais que todos. Era catarinense de Blumenau, formara-se em biologia e trabalhava com recursos hídricos. Silvia resumia rapidamente a biografia dos amigos. Tinha uma expressão leve, movimentava-se entre a sala e a cozinha como se estivesse dançando.

Daquele dia em diante, não se separaram. Era a lua de mel do final de semana que parecia se estender por todas as horas. Na primeira semana, Miguel dormiu todos os dias no apartamento de Silvia. Agia com intimidade, como se fosse mais um dos moradores. Henri tratava tudo com naturalidade, enquanto Chico alternava hospitalidade com frieza repentina. Mesmo quitando uma dívida de três meses, Miguel teve de deixar a casa de Rogerinho. Instalou-se na casa de praia de uma amiga, uma professora, colega de trabalho. Silvia conheceu a casa num sábado. Ela e Miguel chegaram em meio a uma pequena movimentação para um almoço. A dona da casa organizava os últimos preparativos. Silvia ficou encantada com o lugar. O quarto de Miguel era pequeno, mas tinha uma porta-janela que dava para uma vegetação rasteira com o mar ao fundo. Miguel comentou a sorte que teve ao conseguir o lugar sem nem ter saído para procurar. Havia feito um breve comentário com um colega de trabalho e, em menos de uma hora, recebeu o telefonema da amiga convidando-o para morar naquela casa. “Muita sorte”. Repetiu mais uma vez para Silvia. Ela sorriu: “Não é uma questão de sorte, Miguel. És tu mesmo. As pessoas são receptivas contigo. Acho que as pessoas não só são receptivas contigo como elas gostam de fazer algo para ti. Sabe? Acho que tu emanas superioridade. Aquele tipo de pessoa que nasceu para receber...”. Miguel sorriu. E Silvia pensou na vaidade que ele não conseguia esconder. Se fosse separar as pessoas nesse tipo de categoria, classificaria ela mesma como o tipo de pessoa que sabe levantar a auto-estima de quem está ao seu lado. Conseguia fazer isso por ser muito observadora. Seu olhar sempre chegava antes. Não tinha o espírito distraído próprio das pessoas que causam

admiração. Transaram sem pressa, apesar da movimentação na casa. Miguel ficava com o corpo completamente suado, mas não se importava com o desconforto causado pelo suor seco e pelo cheiro do sexo recém-feito. Os dois saíam do quarto quando a outra moradora da casa passava pelo corredor. Estava enrolada numa toalha felpuda azul clara. Os cabelos pretos e molhados tocavam os braços morenos e deixavam pingos microscópicos. Era uma mulher bonita e bonita naturalmente. Abriu um sorriso assim que viu Miguel e estendeu a mão para cumprimentar Silvia. Foi tão educada, tão doce e, ao mesmo tempo, tão marcante que Silvia saiu dali tropeçando em pensamentos. Lutava com a própria língua para não disparar uma seqüência de perguntas sobre a moradora e tentava também arranjar uma desculpa convincente para sair dali e levar Miguel com ela. Inventou uma dor de estômago repentina que, aos poucos, tornou-se real. Refugiou-se com Miguel no quarto novamente e, assim que se sentiu um pouco melhor, foi direto para casa. Naquele fim de semana, inventou diversos programas a fim de manter Miguel ocupado. Quando ele mencionou ir embora no domingo, à noite, Silvia insistiu para que ele ficasse. Miguel concordou e ela prorrogou, até segunda-feira, a tortura de imaginar o namorado sozinho com a moradora bonita. Depois disso, a cada encontro, procurava falar, apontar algum defeito da nova casa. O defeito mais plausível era a distância. Mesmo com a moto, Miguel levava quase meia hora para chegar ao centro da cidade. Ainda naquela semana, Silvia sondou com Chico e Henri a possibilidade de Miguel ir morar com eles. Os dois não fizeram nenhuma objeção. Apenas Chico quis se certificar se Silvia sabia sobre os riscos evidentes. Tinha consciência de tudo respondeu ao amigo, mas mais do que consciência, tinha mesmo era uma certeza de seu amor por Miguel. Ficaria tranqüila ao vê-lo deitar na sua cama todos os dias. Miguel se surpreendeu, mas não chegou a esboçar uma expressão de repúdio ou de pânico pela aparente pressa e ansiedade de Silvia. Surpreendeu-se mais quando soube que Chico e Henri tinham concordado. Disse mesmo não acreditar. Para Miguel, estava claro que a sutil hostilidade de Chico tinha a ver com um

possível amor recolhido. Estava certo de que ele e Silvia haviam se envolvido num passado não muito distante. Silvia não perdeu tempo em esconder nada. Só fez questão de dizer que o passado era mais remoto. Tudo tinha acontecido no começo. Mas havia sido algo breve e sim, Chico havia se envolvido mais do que ela, mas hoje a relação tinha se transformado numa amizade de irmão mais velho. Miguel aceitou a história e o convite. Mudou-se no domingo. Chovia.

Chico, Henri e Silvia notaram a presença do novo morador nos detalhes: lâmpadas trocadas, porta do fogão consertada, janelas limpas. Em poucas semanas, Miguel era mais dono da casa do que qualquer um dos três. Fazia o que precisava ser feito sem alarde. Simplesmente olhava as coisas ao redor. Os quatro viviam bem, moradores de lugares distantes, se afinavam pela estrangeirice e pela saudade que não sentiam da cidade deixada para trás. Gostavam de estar longe de seus passados.

Silvia sentia-se extraordinariamente bem. O amor de Miguel e a presença dele em sua casa a deixavam mais forte e ao mesmo tempo, mais suave. Não lembrava de ter se sentido tão segura. Nem mesmo quando seu pai estava vivo. Agora, finalmente experimentava uma espécie de amor total. Não compartilhava a afetividade de Miguel com ninguém. Por isso, sentia-se bem. Começou a perceber algo ao se olhar por mais tempo no espelho. Conseguia, agora, observar seus próprios detalhes e achá-los sinceramente bonitos. As sardas salpicadas nas maçãs do rosto, o nariz de osso grande e curto, as sobrancelhas grossas. Feliz, comemorou a beleza descoberta com um batom vermelho, contrariando sua mãe que dizia que lábios encarnados só combinavam com mulheres minuciosamente perfeitas de rosto. Sorriu e ficou satisfeita, mais uma vez, por estar longe de casa.

3.

Henri estava exultante, a felicidade deixava o rosto germânico avermelhado. Comemorava, antes de explicar, que havia encontrado o sonho que os três amigos acalentavam há tempo. Era agosto. Chico, Silvia e Henri planejavam, desde que se conheceram, morar numa espécie de vila ecológica, um paraíso particular, um lugar bucólico e cheio de vida. Sonhavam com pomares, hortas, redes, janelas abertas, gramados, lampiões, estrelas. Os três vinham guardando suas economias há mais de dois anos. Procuravam esporadicamente com a tranquilidade de quem imagina que o lugar estaria sempre à espera de ser descoberto. Henri repetia sem parar: “é o nosso lugar, é o nosso lugar”.

Era a Rua das Laranjeiras.

*

Silvia tenta se esquentar debaixo das cobertas. Esfrega as pernas no lençol, mas o corpo continuava gelado. A carne fria até os ossos. Levanta e pega mais uma colcha para se cobrir. O peso das cobertas quase a deixava imobilizada e Silvia volta a pensar. Apostava em Miguel servindo uma taça de vinho para Catarina, falando de algum filósofo, citando uma frase para impressionar. Depois, Miguel iria falar sobre a beleza da convidada, iria descrevê-la e detalhá-la de uma maneira como ninguém nunca jamais havia feito. Iria ressaltar

particularidades que Catarina nunca havia reparado: os cílios grossos, a sobrancelha macia, as orelhas perfeitamente arredondadas, uma pinta insignificante. Qualquer detalhe esquecido e abandonado pelo olhar comum. Quando se tratava de conseguir o que queria, algo que realmente queria, Miguel se lançava com toda a sua experiência, seus conhecimentos, seu corpo e seus sentidos. Mostrava tudo o que era e o que achava que era numa única vez. Era tudo em potência. Cegava, calava, entorpecia. A Rua também fazia parte do seu repertório. Uma extensão do ser de Miguel. Não conseguia conhecer alguém interessante sem trazê-lo para lá. A visita era o ponto final da sua apresentação. A garantia de sua unicidade. Ali, Miguel tinha certeza do êxito. O lugar despertava o ideal de paraíso perdido, o cenário feito para grandes amores. Com Catarina não seria diferente. Silvia sabia disso.

*

Chegaram à Rua das Laranjeiras num final de tarde. O lugar ficava escondido entre árvores nativas. A rua era feita toda de pedra. Era um caminho para um engenho de farinha do século XIX. Chico, Silvia e Miguel caminhavam atrás de Henri, calados e sorridentes. Ao chegar em frente à lagoa, todos tinham a mesma certeza: aquele era o lugar que haviam sonhado. Chico estava tão excitado que começou a planejar cada pedaço: um pomar, um recanto de estudos, um caramanchão, uma rede. Os olhos de Silvia brilhavam. Quanto mais se deslumbrava, mais calada ficava, mais as palavras lhe fugiam. Era o lugar para o resto da vida. Procurou Miguel e o viu também impressionado, mas também mais quieto, reservado. O silêncio de Miguel era diferente do silêncio de Silvia, e ela percebeu isso assim que seus olhares se encontraram.

Em casa, Silvia disse a Miguel que nada iria mudar, os dois teriam uma casa, juntos. Miguel replicou dizendo que não iria entrar no sonho de ninguém, que não iria forçar

uma situação permanente, que. Silvia calou Miguel com um beijo e disse que permanente tinha que ser o desejo de viver e viver o que pudesse surgir. Lembrou de uma frase de Tennessee Williams e disse que um coração selvagem não poderia ser mantido numa jaula e ela tinha certeza de que aquela rua era feita para o coração selvagem de Miguel. Ele declinou e disse que só mudaria se pudesse dividir o terreno como os outros. Henri e Chico concordaram em agregar o novo sócio. Duas semanas depois, Miguel pagava a primeira parcela do terreno com a venda da moto – único bem de valor que possuía. Silvia, então, começou a fazer planos a longo prazo. Uma vida inteira para sonhar. Como se tivesse ganhado páginas em branco tanto para os dias seguintes quanto para os dias que haviam ficado para trás.

Os planos refaziam Silvia.

E as obras na Rua das Laranjeiras começaram.

Miguel se envolveu diariamente com a construção. Dos quatro, era quem mais tinha tempo. Saía ainda no meio da tarde de suas aulas e corria o mais rápido que podia para a Rua. Carregava madeira, pregava janelas. Sabia onde o solo era mais úmido e mais seco, onde deveria plantar um pé de araçás ou uma muda de pitangueira. As laranjeiras que emprestavam o nome à Rua estavam em pleno florescimento e começavam a exalar um cheiro suave, mas marcante. Miguel dizia para Silvia que o lugar tinha se tornado um amor definitivo. A terra resgatada da infância no interior de São Paulo. Ao mesmo tempo, sentia que ele mesmo estava sendo resgatado. Reconhecido. Explicava tudo isso para Silvia, abrindo a porta para uma intimidade efetiva. No dia em que as primeiras paredes de madeira do chalé de Silvia foram levantadas, dormiu ali mesmo. Sem colchão, sem lençóis. Apenas o chão de madeira de angelim nova e o céu cravejado de estrelas sobre a sua cabeça. Silvia ficava feliz e ao mesmo tempo envaidecida da Rua ter despertado tanto Miguel. Acreditava que a mudança para aquele lugar era o ritual de casamento que nunca fariam. A Rua tomava conta de quase todas

as suas conversas. Planejavam. Das mudas de laranjeiras fazendo um semicírculo onde ergueriam um caramanchão até as cores das portas e janelas de cada um dos chalés.

Outubro já carregava um bafo quente e a atmosfera da Rua era de expectativa quando o chalé de Silvia ficou pronto. As plantas florescendo, a grama subindo rapidamente, novos cantos de pássaros, a luz da noite mais clara. Nos morros que contornavam a região, os garapuvus começavam a pontilhar de amarelo o verde escuro, eterno, como uma pintura impressionista. Tudo isso e o encontro de Miguel e Silvia, naquela noite, deixavam uma certeza de que algo bom, forte e irrefutável estava por se instalar em suas vidas. Era como se estivessem perto da perfeição, como se pudessem, por um breve momento, ver sua história escrita num livro invisível e perceber que tudo estava no caminho. Os dois cumpriam com exatidão a trama que havia sido estipulada para eles. Para Silvia, isso era destino. Para Miguel, era a vida que ele sempre havia desejado sem saber. Foram dois dias de paraíso. Tudo como se o mundo inteiro não existisse. Traçaram novos planos e sonharam novos sonhos. Chegaram a concordar com a existência (não muito longínqua) de um filho. Silvia insistiu para que Miguel tentasse entrar no mestrado. Seria uma ótima oportunidade para mudanças. Achava um desperdício Miguel dar aulas básicas para adolescentes. Sabia que assim que ele entrasse numa pós-graduação, novas oportunidades iriam surgir.

Nas semanas que se seguiram, tudo era um calmo passar de tempo, de horas, de dias. Depois das aulas do colégio, Miguel se debruçava sobre os livros para prova do mestrado e também sobre bouganvilles, araçás e bromélias. Cuidava mais de plantas, árvores e jardins do que de si próprio. Às vezes, dormia sem banho, mesmo depois de ter trabalhado na terra ou de ter feito sexo. A pele clara, masculina, exalava um cheiro forte que ia se amalgamando à rotina de Silvia. Chico e Henri se mudaram antes do mês terminar. Chegaram à Rua com caixas de livros, malas de roupas e sacolas de supermercado cheias de carne para

churrasco e cervejas. Silvia preparou uma salada vegetariana que só ela comeria e uma pequena comemoração entrou madrugada adentro. Todos, sem exceção, beberam mais do que podiam. Chico dormiu no gramado em frente à lagoa, e Silvia e Miguel acabaram a noite fazendo um sexo vagaroso, sem clímax e sem hora para acabar. Quase dormiram entrelaçados. Esquecidos porque estavam um sobre o outro. Só viraram de costas, nus, e fecharam os olhos. O sol começava a marcar frisos na lagoa.

Antes de o ano terminar, novos eventos surgiram para corroer a paz instalada. Silvia recebeu uma proposta para trabalhar num escritório governamental ligado a questões de direitos humanos, mais especificamente, à questão da exploração do trabalho infantil. A notícia a deixou eufórica. Não só ocuparia um cargo de grande responsabilidade como teria total, completa liberdade para desenvolver novos projetos para a instituição. Dez dias depois, o colégio onde Miguel lecionava anunciou uma demissão geral. Corte no orçamento. E ainda naquela mesma semana, a Universidade Federal entrava em greve e adiava a data da seleção do mestrado para o ano seguinte. O abatimento foi visível. Mas Miguel tentou se animar com novas perspectivas. Correu a cidade em busca de trabalho, fazendo entrevistas, deixando currículos em todos os colégios da cidade. Também procurou alguns amigos e conhecidos. Fazia o que precisava ser feito, mas sua maior energia ainda se voltava para a Rua. Plantou árvores exóticas, construiu bancos de madeira e caminhos de pedras colhidas na beira da lagoa. Tentava ocupar o corpo e a mente enquanto não conseguia solucionar os problemas, mas a proximidade do vencimento da segunda prestação do terreno começava a armar um clima silenciosamente tenso. Silvia voltou do primeiro dia do novo trabalho sem demonstrar seu contentamento. Pela primeira vez, sentia-se à vontade num lugar. Gostou das pessoas. Miguel fez poucas perguntas, mas revelou uma felicidade tênue e sincera. Deu um abraço demorado em Silvia e ela sentiu o odor melado e azedo do corpo do namorado. Silvia

compreendeu a falta de um entusiasmo mais enfático – algo tão típico em Miguel – e não se incomodou. Fizeram o jantar juntos sem vinho para comemorar. Silvia preparou uma massa com molho pesto, mas não conseguiu ir além das duas primeiras garfadas. O cheiro do corpo de Miguel começava a se infiltrar por todo o ambiente. Silvia pensou em fazer algum comentário, mas a certeza de que uma agressividade pronta a ser deflagrada, não a fez mover um músculo. Olhava para Miguel comendo e tentava se convencer de que o cheiro que sentia só havia se acentuado por sua implicância. Miguel já havia ficado outras vezes sem banho e Silvia não se lembrava de ter ficado incomodada como dessa vez. Também não se dava conta da falta de sincronia entre os eventos da vida de cada um. Silvia era só expectativa e futuro. Miguel, força bruta amordaçada. Naquela noite, ele se jogou com a mesma roupa que estava sobre os lençóis brancos. Silvia tentava concentrar todos os seus sentidos no hálito do chá recém-tomado. Pegou uma toalha e se trancou no banheiro por mais de uma hora. Tomou um banho demorado. Sabia que ao voltar para o quarto, encontraria Miguel desmaiado, imóvel e imundo.

*

Silvia se aproxima da janela para ouvir. A música está mais alta. Ela vai até o banheiro. Enche de água o côncavo das mãos e molha a nuca. Tenta despertar da paranóia em que havia se metido e se livrar da música que começa a ouvir cada vez mais alta. Acredita estar completamente tomada pela imaginação. Pensa que a música se dissipará assim que ela conseguir se livrar dos pensamentos. Coloca os braços embaixo da torneira e sente a água gelada cortando os pulsos. É um alívio imediato, uma forma de mudar o foco de atenção do seu corpo. Enche mais uma vez as mãos e joga punhados de água sobre a nuca. Um fio líquido escorre pelas costas até parar na cintura. Silvia percebe quando o som se esvai por

completo. Fica estagnada. Fecha a torneira e presta atenção no que os ouvidos captam: um silêncio rápido invade seu espírito. A náusea parece querer deixar Silvia. Ela se senta e abraça as pernas em direção ao peito. Dá um suspiro e pensa que talvez consiga dormir dali em diante. Logo em seguida, um som conhecido principia. Uma música faz lembrar de Miguel. Os dois nadando na lagoa. Silvia coloca as mãos nos ouvidos e os olhos se enchem de lágrimas. Eram perfeitos os dias na Rua das Laranjeiras.

4 .

Logo após a euforia das festas de final de ano, nada se movia. E o calor de janeiro colaborava para que tudo permanecesse inalterado. Miguel era o único com férias forçadas. Nenhum trabalho, nenhuma notícia. Miguel era o único a permanecer o dia inteiro na Rua. Continuava com o cuidado diário dos jardins, lia entre um cochilo e outro e, muitas vezes, deixava-se simplesmente ficar. Deitava no gramado, em frente à lagoa, e olhava para o horizonte verde imóvel. Quando Silvia voltava do trabalho, à noite, não era raro ver pilhas de pratos sujos na pia, algumas roupas jogadas no chão. Tinha a impressão de que, na verdade, aqueles eram rastros de uma nítida ausência. Marcas diárias da angústia e da ansiedade de Miguel. Marcas de alguém que não está no lugar.

Numa dessas noites de janeiro modorrento, Silvia chegou em casa com o ânimo radiante. Sentia um sopro quente a envolver numa espécie de redoma, como se a atmosfera quisesse simplesmente deixar sua existência mais confortável. Chegou à Rua carregada de algumas sacolas e, enquanto subia a pequena elevação que se encontrava no meio do caminho, em direção ao seu chalé, viu Miguel largado no gramado, em frente ao chalé de Henri. Respirou fundo e antes que qualquer pensamento raivoso devastasse seu tranqüilo estado de espírito, chamou Miguel com uma voz solta e despreziosa. Chamou apenas uma vez e continuou a caminhar. Colocava as sacolas sobre a cama quando Miguel surgiu. Ainda levada pela sensação de bem-estar, Silvia se aproximou com um sorriso e beijou o namorado. Silvia deixava a cabeça pender para trás, quase soltando o corpo por

completo nos braços de Miguel. Ele se afastou e perguntou se Silvia havia fumado. Ela concordou e logo se voltou para abrir as sacolas. Tinha um sorriso nos lábios e, de costas, não pôde ver a expressão de desagrado que se formou no rosto de Miguel. Estendeu um pacote de presente e ele agradeceu. Enquanto abria o pacote, Silvia contava um pequeno roteiro do dia que começava pelo fim: o baseado de maconha que tinha fumado com um amigo do trabalho. O mesmo amigo que - vez ou outra - dava uma carona para Silvia até o ponto de ônibus. Virou-se novamente para abrir mais uma sacola e revelou um vestido verde. Colocou a roupa nova sobre o corpo. Ensaiou uma pequena pirueta e se deparou com um olhar frio de Miguel. Um olhar que a deixou retraída, repentinamente sem jeito, repentinamente tímida. Sentou-se na cama e disparou os porquês de ter comprado a camisa, o vestido. Um cachorrinho perdido, tentando a aprovação do dono. Perguntou, por último, se Miguel havia gostado da camisa. Ele se aproximou e se inclinou um pouco para beijar Silvia. Ela o enlaçou, passou as mãos pelos cabelos de Miguel e sentiu o cheiro do dia inteiro. Aquele mesmo cheiro que sentia todos os dias. O cheiro do suor das horas se sobrepondo à pele. A mistura do calor com a maresia da lagoa salgada. Era um cheiro oleoso, desses que demora a abandonar a atmosfera. Miguel virou Silvia de costas e levantou o vestido verde. Silvia ameaçou falar alguma coisa e Miguel tapou os lábios da namorada e mordeu a curva do ombro com força. Foi um sexo agressivo. Silvia, apenas um corpo quente nas mãos de Miguel. Quando tudo terminou, ele simplesmente se jogou sobre o corpo dela. O rosto de Silvia afundou numa almofada laranja e ficou imóvel. Um rosto, um corpo de cera. O vestido verde amarrotado até a cintura. A camisa masculina nova no chão.

A noite havia entrado e escurecido Silvia, Miguel e todo o quarto.

Ainda naquela noite, receberam a visita de Henri. O amigo entabulou uma conversa fácil, com as pequenas coisas do dia a dia, alguma novidade sobre o trabalho, um

pequeno comentário sobre uma namorada que nunca dava certo. Não demorou muito para entrar no assunto que tinha o levado até ali. A segunda prestação do terreno. Já havia esticado ao máximo o prazo para conseguir se livrar das multas pesadas do banco. Todos já tinham dado a sua parte. Só faltava Miguel. Silvia tentou falar alguma coisa, mas logo foi interrompida. Miguel pediu apenas mais dois dias de prazo. Pagaria todas as multas. Não deixaria ninguém na mão, Henri podia confiar. Silvia chegou a pensar, naquele momento, que Miguel poderia ter algum dinheiro guardado. Henri saiu depois de duas taças de vinho. Miguel também saiu, em seguida, dizendo para Silvia que precisava pensar. Pensar sozinho.

Na manhã seguinte, Silvia levantou sem companhia. Perambulou pelos cantos até achar um bilhete de Miguel na maçaneta da porta: “Saí cedo. Preciso resolver isso, logo”.

Quando Silvia voltou do trabalho, no fim de tarde, encontrou a Rua e o chalé exatamente como os havia deixado. Nenhum rastro de Miguel. Jantou sozinha. Na cama, ficou com os olhos estalados até dormir sem perceber. Despertou com a voz de Miguel chamando seu nome. Entre os dois, um bafo quente de cerveja. Silvia abriu os olhos e não perguntou nada. Ele começou uma conversa sem explicações. Mais perguntava pelas coisas de Silvia do que falava sobre as últimas vinte e quatro horas. Ela respondia tudo monossilabicamente até que Miguel contou. Disse que havia tentado de tudo para conseguir o dinheiro que devia para Henri. Foi até ao banco, na esperança de encontrar Marta e conseguir um empréstimo, mas ela havia partido mais uma vez. Agora, para Belo Horizonte. Perambulou pelo centro da cidade, jogou no bicho. E foi na lotérica que encontrou Neto. Amigo de faculdade que havia largado o curso de Filosofia no segundo ano. Era a primeira vez, em oito anos, que se viam. E desse encontro sairia a solução imediata para a dívida de Miguel. Depois de seis ou sete cervejas, Miguel e Neto trocaram confidências. Miguel foi o primeiro a falar e disse tudo até chegar na dívida. Neto abriu a carteira, pegou o talão e assinou um cheque. Miguel riu. Neto também e logo apresentou a sua proposta. Durante aqueles quinze minutos Miguel ouviu a voz de Neto

completamente clara, sem o tom pastoso do álcool. Convidou Miguel para vender cocaína durante todo o verão. O cheque que acabara de assinar era a metade do dinheiro. Exatamente o dinheiro da segunda prestação. Dois meses de trabalho e Miguel ganharia outro cheque, igual àquele. Terminou de contar tudo isso para Silvia com um sorriso no rosto. Ela podia apostar que nem mesmo Miguel sabia o que estava sentido ou pensando. A primeira pergunta que Silvia fez, naquela manhã, foi: “Tu aceitou?”. Miguel sorriu mais e colocou mão no bolso. Tirou uma folha de cheque um pouco amassada e com alguns riscos de sujeira. Silvia disparou contra Miguel. Disse que abominava tudo aquilo. Como é que ele simplesmente resolvia vender drogas da noite para o dia? Por que não aceitava a ajuda dela? Por que tinha que ser tão orgulhoso a ponto de preferir pedir dinheiro para um traficante e não para a própria namorada? Miguel tentou acalmar Silvia. Falava devagar. Dizia que não pedia dinheiro a ela por respeito e não por orgulho. Silvia já havia o ajudado da melhor maneira possível trazendo-o para a Rua. Agora, era a vez dele se virar e dar conta. Venderia a droga só durante o verão. A clientela era fixa. Neto já estava no ramo havia mais de cinco anos. Seria fácil. Rápido. Falou tudo e deu um beijo longo em Silvia. Passou as mãos pelas têmporas da namorada e ela se deu conta de que havia algum tempo que Miguel não fazia aquilo. Continuou séria, mas se deixou levar.

Na noite seguinte, quando chegava à Rua, Silvia sentiu o aroma de perfume masculino no caminho para seu chalé. Encontrou Miguel do lado de fora, estendendo uma toalha branca no varal. Vestia uma calça jeans clara e uma camisa bege que ainda não abotoara. O cabelo ainda estava molhado. Miguel nunca se enxugava o suficiente. Algumas gotas grandes sempre caíam pelas costas e ombros. Encarou Silvia, sorriu e lhe deu um beijo. Ela perguntou numa voz imperceptível se ele precisava sair tão cedo. Respondeu que sim, que teria de pegar a mercadoria na casa de Neto e depois ir para o ponto. Disse isso e saiu em direção ao chalé abotoando a camisa. Silvia o seguiu sem falar nada. Só observava os últimos

detalhes do arremate de Miguel. As meias, o sapato, a carteira, o cinto. Ele terminava de se arrumar como se estivesse sozinho. Ela ainda fez menção de falar alguma coisa, mas Miguel se despediu com um beijo e desapareceu rapidamente entre as árvores da Rua. Silvia ainda olhava a saída da Rua quando avistou Chico. Vinha carregado de pacotes. Luminárias, tapetes, vasos, pratos. Enquanto dividiam uma garrafa de vinho tinto, arrumaram tudo. Chico preparou um espaguete ao funghi e foi em meio ao jantar que Silvia contou ao amigo o novo trabalho de Miguel. Chico não demonstrou surpresa, nem perplexidade, nem indignação. Tratou do assunto com naturalidade. E logo Silvia começou a se questionar se não estava levando tudo muito a sério. Terminaram duas garrafas de vinho e Silvia foi para o seu chalé. Deitou na cama e não conseguiu evitar o relógio marcando cada minuto daquela noite. Miguel não havia comentado nada sobre a hora da volta. Esperou. Procurou algo para ler sem ter que prestar atenção. Tomou um banho demorado. Fez um chá. Esperou. Deitou na cama com os olhos e o corpo cansado. A cabeça ainda se mantinha alerta.

No dia seguinte, pela manhã, Miguel contou todos os detalhes da venda dos papelotes. Estava impressionado com o negócio e Silvia pôde sentir uma certa vaidade do namorado por estar envolvido em algo de risco. Passaram os três dias seguintes sem se falar direito. Miguel saía mais cedo e chegava mais tarde. A rotina era só um revezamento na cama. Quando Silvia abria os olhos, se deparava com Miguel ao seu lado, dormindo. Imóvel. Às vezes, parecia estar morto. Silvia só percebia a existência viva do corpo pelo cheiro característico. Cheiro de noite. Uma mistura de álcool com suor, cigarros, perfume ou desodorante masculino. Silvia também presenciou uma mudança drástica na rotina da Rua. As marcas e os rastros deixados por Miguel haviam desaparecido. Ele não mexia na terra, não colhia as frutas, não tomava banho na lagoa. No chalé, nada de roupas pelo chão ou pegadas molhadas de terra. Passava o dia inteiro dormindo. Comia pouco.

Era sexta-feira à noite. Silvia tomou um banho demorado, colocou um vestido e não passou batom. Chico e Henri prepararam um churrasco e os três amigos passaram a noite bebendo cerveja. Silvia esqueceu do namorado por alguns momentos e não olhou no relógio. Sentia-se numa liberdade da qual não se lembrava mais. Os três gostavam de discutir, debater idéias. Podiam ficar um dia inteiro debruçados sobre um mesmo assunto. Cada um querendo provar a plausibilidade de sua teoria. Silvia era a mais determinada, a mais incansável. Via aquelas conversas, aqueles debates intermináveis como um jogo. Gostava de levar seu raciocínio, sua inteligência e, acima de tudo, sua capacidade de persuasão até o limite. Nessas horas, sentia-se dona da situação. Era de uma segurança e de uma firmeza difíceis de abater. Conversaram até Miguel chegar. Cumprimentou todos com um olhar dilatado. Maxilares tensos.

Quando os dois entraram no chalé, Miguel agarrou Silvia, apertando com força os braços. Ela estava encurralada, mas, ao mesmo tempo, sentia como se não existisse. Como se Miguel estivesse abraçando e beijando ele mesmo. Silvia era carne. Mas era vapor. A exaltação de Miguel extinguiu qualquer possibilidade de vínculo. Largou Silvia, esfregou fortemente o nariz e saiu do chalé dizendo que precisava beber alguma coisa. Voltou minutos depois segurando uma garrafa de cerveja. Ela recusou. Miguel descreveu a noite inteira para Silvia, as festas que tinha ido, os bares, quem tinha encontrado, o quanto tinha vendido. Silvia não disse uma palavra. Olhava, olhava. Miguel falava e esfregava o nariz. Ofereceu novamente um gole da cerveja.

- Não tô a fim, Miguel. Já bebi demais.

- Mas não bebeu comigo.

- Porque tu não tava aqui.

- Ah, pára com esse papo chato e bebe. Bebe – disse Miguel. Deu mais dois passos e encostou o copo nos lábios de Silvia. Ela virou o rosto, mas Miguel segurou o queixo e tentou derramar um pouco da cerveja na boca de Silvia. Ela tentava se soltar e, sem querer, deu um tapa no copo. A cerveja encharcou a escrivantina e a camisa de Miguel. Os dois se encararam com raiva até Miguel largar uma gargalhada e abraçar Silvia novamente. Saiu correndo do chalé e se jogou na lagoa. Gritava o nome de Silvia enquanto ela arrumava a cama para dormir.

No sábado, Miguel dormiu o dia inteiro. Silvia se remoía. Entrava e saía do chalé fazendo ruídos, mas Miguel permanecia inerte, exalando o cheiro de água salgada ressecada sobre o corpo. No criado-mudo, Silvia contou quatro papelotes brilhantes de cocaína. Miguel acordou às cinco horas da tarde com o maior dos sorrisos. Silvia recolhia a roupa seca do varal quando ele se aproximou e a abraçou por trás. Queria fazer um convite.. Queria que ela o acompanhasse. Silvia aceitou e o acompanhou naquele sábado e nos dois próximos finais de semana. No início, achou uma boa idéia. Os dois eram convidados para festas animadas, entravam em bares concorridos, dançavam entre uma venda e outra. Mas enquanto se divertia, Silvia começou a perceber nuances desconhecidas na personalidade de Miguel. Um pouco pelo uso da droga, um pouco pelos ambientes, um pouco pelo que estava fazendo. Miguel estava mais ansioso e inquieto. Andava pela noite como um vampiro. Às vezes, mesmo sem ter cheirado uma carreira sequer, Miguel podia ficar quase uma hora descrevendo a sensação que a droga causava para quem tivesse paciência de ouvi-lo. Gostava da primeira cheirada do dia. A mais longa, a da preparação. Gostava de se imaginar naquele movimento: o nariz sobre o prato. O pó sumindo aos poucos. A comichão. E depois a onda que devastava qualquer pensamento. Era só ele. Ele e a droga. Era isso todas as noites, e logo Silvia decidiu ficar em casa. Pensava que aquilo tudo tinha prazo para terminar. Preferiu ficar

na Rua, refazendo planos, esperando. Miguel vendia a droga durante a madrugada, dormia pela manhã e, alguns dias, durante a tarde, conseguia estudar um pouco para o mestrado.

A rotina insana só terminou no início de março. Miguel conseguiu pagar duas parcelas da sua dívida do terreno. Silvia respirou aliviada. Miguel estava de volta. Passaram uma noite inteira juntos como há muito não faziam. Miguel cozinhou e Silvia estava linda. Era a promessa de um ano que passaria tranqüilo, com amor permanente entre os dois. Sem sobressaltos ou contratemplos. Em abril, os dois completaram um ano de namoro e Miguel passou no mestrado.

*

A música permanece alta. Silvia seca as lágrimas e dá alguns tapas em seu próprio rosto. Sai do banheiro e pega o telefone em cima da mesa. Tenta teclar os números calmamente, mas ainda está nervosa. Ouve o chamado e tecla mais algumas vezes. Sem titubear, atravessa a porta do chalé e segue em direção à música. Caminha com firmeza. Antes de chegar ao chalé de Miguel, o cachorro Américo tenta brincar. Ela faz um afago automático e continua até a porta. Consegue ouvir Catarina cantando junto com a música. Respira fundo e bate três vezes. O som cessa e Miguel abre a porta. Sorri. Silvia fica desconcertada com a receptividade. Miguel está muito, muito bonito. Ainda tem o mesmo brilho juvenil e insolente no olhar. Quando Silvia começa a falar, percebe que a voz entra em descompasso. Ela mantém uma expressão grave e séria, mas a voz é quase doce e suplicante. Silvia pergunta se Miguel pode diminuir o volume do som. Ele responde que sim, claro, Silvia, desculpa, me passei. Ela sussurra um obrigada e sai sem jeito.

5.

O segundo verão na Rua das Laranjeiras trouxe más notícias para Silvia. Mesmo depois de ter sido contratado como professor substituto, no curso de graduação de Filosofia, Miguel decidiu retomar o trabalho do verão anterior. Os dois brigaram, mas ele não mudou de idéia. Estava decidido a vender a droga durante os meses de janeiro e fevereiro. Fez todas as promessas possíveis para Silvia. Seria a última vez. Ela decidiu acreditar. Aproveitou as férias para se dedicar à Rua e para construir uma rotina tranqüila para os dois. Assim como no ano anterior, Miguel passava todas as noites e as madrugadas fora de casa. Mas, agora, quando chegava, encontrava a mesa com café, frutas e pães. Silvia ainda estava dormindo e Miguel deitava sem alarde. Foi assim nas três primeiras semanas de janeiro. Mesmo quando Miguel cheirava, conseguia manter suas ações e suas palavras sob controle. O máximo que fazia, quando estava um pouco mais ansioso ou animado, era acordar Silvia para transar. Não falava nada. Levantava o lençol e deixava Silvia totalmente nua. Nas tardes que sobravam - entre o sono e a venda de coca -, os dois se encontravam sobre o gramado, em frente à lagoa. Passavam as horas lendo, tomando banho, ouvindo o silêncio. A rotina só mudou quando Miguel precisou cobrir mais um ponto de venda: um clube de regatas freqüentado pela alta sociedade. O trabalho acontecia somente nas quintas-feiras e sábados. Miguel precisou de roupas novas e de um novo corte de cabelo. Silvia se espantou com a naturalidade com que Miguel lidou com a nova função. Não percebia nenhum tipo de acanhamento, parecia que o namorado estava num mundo conhecido. Voltava para casa relatando cada hora da noite: os

jantares, as conversas, a opulência, a futilidade. Nunca convidou Silvia para sair com ele. Ampliou rapidamente o público consumidor e vendia caro. Também começou a cheirar com maior frequência. Numa dessas noites, Miguel não voltou para casa. Se ele desaparecia, Silvia o perdia completamente. Não tinha como procurá-lo, não conhecia ninguém do seu novo círculo de relações. Só no dia seguinte, às nove da noite, que Miguel voltou para casa. Chegou num passo calmo, sem pressa de chegar. Justificou tudo para Silvia dizendo que havia aceitado o convite para uma festa num dos iates que ficavam ancorados no clube. Fumou, cheirou, bebeu e apagou. Estava com a cabeça latejando. Aquele foi o primeiro sumiço de muitos que viriam. Quando ia vender no clube de regatas, Miguel voltava, no dia seguinte, no meio da tarde. Acordava em iates, lanchas ou mansões. Silvia atacava dizendo que ele estava deslumbrado, Miguel se defendia dizendo que as festas nunca acabavam cedo e que ele precisava fornecer a coca até o último cliente ir embora ou cair. Era o trato que havia feito. Por isso estava ganhando tão bem. Numa das tardes, depois da noite no clube, Miguel chegou à Rua furtivamente. Silvia nadava na lagoa e só notou o namorado quando entrava no chalé. Ela foi atrás. Entrou no momento em que Miguel tirava a camisa, no banheiro, deixando um bafo de perfume doce, frutado. Silvia se aproximou e deu um beijo rápido no namorado. Ele logo abriu o chuveiro. Disse estar cansado, exausto. Tirou a calça e entrou no box. Silvia catou a camisa de Miguel e cheirou. Ouviu, em meio a um zumbido interno, a voz de Miguel. Perguntava qualquer coisa. Silvia tirou a roupa e se observou, no espelho, por alguns segundos. Quando Miguel perguntou se ela ainda estava lá, Silvia abriu a cortina e entrou embaixo do chuveiro, agarrando-se em Miguel. Beijaram-se e começaram a transar. Naquele mesmo dia, Silvia não tomou pílula. Estava decidida a ter um filho com Miguel, mas só engravidou cinco meses depois, no início de setembro.

Depois do verão turbulento, Miguel e Silvia levavam uma rotina sem nenhum equívoco. Nem mesmo a lembrança do perfume feminino na camisa trazia qualquer incômodo

para Silvia. Sentia-se absoluta e definitivamente presa à vida de Miguel. A Rua também estava numa de suas épocas mais exuberantes. Os garapuvus começavam a florir, e as laranjeiras se aprontavam para um novo ciclo. Foi Miguel quem lembrou. O filho nasceria no fim de junho. Época da colheita das laranjas. Miguel, agora, estava num estado de permanente entusiasmo. Planejava como iria amar a criança que estava por vir. Repassava suas memórias de infância para descobrir seus gostos e suas alegrias. Os únicos que souberam da novidade foram Chico e Henri. Animados, os quatro amigos compartilharam novos planos e decidiram construir uma casa de alvenaria entre os três chalés. Seria um espaço para todos. Uma casa com uma cozinha ampla, um banheiro, uma sala para as festinhas e reuniões. Um lugar das quatro famílias que iriam se compor. Passaram os dois meses seguintes conversando, construindo e reconstruindo a nova casa da Rua das Laranjeiras. Miguel e Silvia estavam ainda mais unidos. Silvia só havia sentido a mesma cumplicidade e intimidade nos três primeiros dias em que os dois se conheceram. Ela, Miguel, Chico e Henri conviviam em harmonia sincera. Como se, pela primeira vez, todo o projeto da Rua fizesse sentido; como se a criança que Silvia estava esperando fosse a certeza. A certeza. Miguel chamou o pai para levantar a “casa do meio” -como viria a ser chamada a única casa de alvenaria da Rua das Laranjeiras. Ele começaria as obras em dezembro. Silvia e Miguel trabalhavam dia e noite na Rua: podaram plantas, reformaram o caramanchão, replantavam flores. Estavam ansiosos.

Quando o calor começou, a Rua se preparava para entrar no ápice da natureza. O cheiro cítrico, picante e quente da flor de laranjeira começava a impregnar a atmosfera. Silvia teve alguns enjôos, mas a felicidade ainda tomava conta de todo seu espírito e também do seu corpo. Acostumada a comer pouco, a passar horas e horas sem colocar uma migalha de pão na boca, se surpreendeu com a fome que lhe acometia. Num dos dias mais quentes daquele final de ano, Silvia mergulhou na lagoa para refrescar todo o corpo. Miguel dormia na rede num sono que parecia durar a vida inteira. Enquanto isso, Silvia boiava, nadava,

mergulhava o corpo inteiro até tocar o fundo da lagoa. O sol queimava o rosto e a cabeça até a pele ficar vermelha e Silvia mergulhar novamente. O cabelo comprido boiava como algas perdidas. Silvia sentia os fios tocarem os ombros e se enrolarem no pescoço. Ficou nessa dança solitária. Os pensamentos desapareciam. Silvia repousava numa quietude impermeável.

Nada poluía seus sentidos, suas expectativas.

Quando saiu da lagoa, viu um fio de sangue escorrer da virilha até o joelho. Silvia correu para o chalé, chamando por Miguel.

Má formação fetal.

O banho na Lagoa apenas havia acelerado um evento que tinha data marcada para acontecer. Silvia passou noites chorando e Miguel sem saber o que dizer. Mais tarde, Silvia teria certeza de que foi naquele momento que o amor começou a escapar.

*

Silvia volta para o chalé acompanhada de Américo. Não sabia dizer quando ficava com mais raiva de Miguel, se era quando ele a tratava com indiferença ou quando ele era extremamente delicado e gentil. A cada passo que dá, se acha mais patética. Ela, ali, tendo como única companhia o cachorro e Miguel, em seu chalé, com mais um romance furtivo. Sente-se óbvia, desinteressante. Abre a porta do chalé com dificuldade. Está fraca de vergonha. Américo tenta entrar no chalé, mas Silvia lhe dá um safanão. O cachorro sai com o passo torto. Silvia olha com arrependimento e sai correndo atrás do bicho. Consegue alcançá-

lo em poucos metros e se ajoelha para fazer afagos. O cachorro se deixa acarinhar. Silvia tenta trazê-lo para o chalé, mas ele não move uma pata.

6.

Silvia ficou paralisada. Incapaz. Apática. Chico, Henri e Miguel não conseguiram reanimá-la. Tudo o que ela fazia era responder ao que os outros perguntavam ou propunham. Agia como se não pudesse se mover por vontade própria. Experimentava uma sensação que, involuntariamente, trazia todos os fracassos de sua vida à tona. Enquanto isso, Miguel equilibrava o tempo entre a depressão de Silvia, as obras da casa do meio e a dissertação de mestrado. Silvia perambulava pelo chalé e pelo gramado. Passava o dia tomando chás e lendo o I Ching. Miguel confeccionou varetas de bambu para que pudesse jogar e assim ela passava as horas do dia. Sentava-se na cama ou no gramado, sobre uma colcha, e lia as diversas combinações que se formavam a sua frente.

Aos poucos, ia se confortando, tentando se preencher.

Antes do ano letivo começar, Henri trouxe para rua um filhote de boxer marrom. Silvia e Miguel o adotaram na mesma hora e o batizaram de Américo. Passaram a noite fazendo brincadeiras com o cachorro sobre o gramado em frente à lagoa. Naquela madrugada, quando os dois se deitaram na cama, Silvia sentiu, pela primeira vez, que voltava a ela mesma. Num daqueles momentos, em que corria com Miguel e o cachorro, descobrira que por mais que sofresse não tinha retornado à Silvia adolescente que tanto desprezava.

Aos poucos, ia se refazendo. Não precisava mais que alguém lhe passasse a mão na cabeça. Numa daquelas noites de verão - quando presumia a auto-estima refeita - insinuou-se para Miguel na hora de dormir. Vestia uma camiseta branca de algodão. Os cabelos soltos. Ele a abraçou de modo mais fraternal do que apaixonado. Ela tentava conduzir

tudo com mais urgência. Beijava com pressa. Miguel estava encostado na parede e, por um momento, Silvia sentiu-se maior do que ele, tamanho era a sua determinação e sua energia. Quando finalmente os dois se deitaram na cama, Silvia inclinou-se sobre Miguel, e com os lábios quase encostando ao ouvido, disse: “vou ser a mãe do teu filho”. Falou isso e abriu um sorriso. Miguel sorriu também, mas com menos vontade. Os beijos e as carícias continuaram até Silvia perceber que o corpo de Miguel estava se movimentando sem entusiasmo, sem força. Ele a beijava, mas as mãos se moviam soltas. Antes que Silvia pudesse falar alguma coisa, Miguel parou e a olhou, agora, sem dúvidas. Disse que não conseguiria. Alegou cansaço. A casa, a dissertação.

Silvia desmoronou.

Ele tentou se justificar, mas não fez nenhuma promessa, nenhuma declaração amorosa. Consolou Silvia como quem consola um amigo querido. Dormiram tarde, na mesma cama, mas cada um distante do outro.

As obras da casa do meio terminaram logo no início de março. Era uma casa simples, com uma grande sala, uma cozinha e um banheiro. O que mais se destacava era a sala com paredes de vidros. Construída sobre um terreno um pouco mais elevado, a sala tinha uma vista fantástica. Dali se podia ver a entrada da Rua e a lagoa. Galhos de árvores e plantas tocavam delicadamente as paredes transparentes. Os quatro amigos comemoraram a nova construção da Rua com um jantar que atravessou a madrugada e, no fim de tudo, Silvia e Miguel buscaram um grosso edredom para dormir no chão.

Foi Miguel quem se aproximou.

Era a primeira vez que tomava iniciativa desde a perda do bebê. Estava bêbado. Silvia também havia bebido bastante. Transaram por instinto. Sem palavras, sem carinhos. Quando terminaram, deixaram os corpos cansados sobre o edredom. As cabeças quase

encostadas numa das paredes de vidro. Antes de fechar os olhos, Silvia balbuciou alguma coisa sobre a vista da lagoa. Miguel já dormia. Na manhã seguinte, Silvia se deu conta de que a noite anterior guardava algum equívoco, um descompasso, um sentimento indecifrável que ela desconfiava ser mais um sentimento de Miguel do que dela. Nos dias que se seguiram, Silvia tentou descobrir se tal sentimento deixava alguma pista em relevo. Observava Miguel e não encontrava nada. Nenhum indício. Ao mesmo tempo, podia perceber que um buraco imenso começava a se abrir entre os dois.

Miguel defendeu a dissertação de mestrado. Silvia decidiu comparecer à banca mesmo contrariando o desejo do namorado. Naquela manhã, ainda na cama, Miguel disse não querer platéia. Preferia não atribuir tanta importância àquela ocasião. Para ele, era mais uma etapa cumprida. Estava feliz em terminá-la. Ponto. Na sala, além dos professores que compunham a banca, também estavam presentes alguns colegas do curso. Miguel fez uma apresentação impecável. Estava ainda mais desenvolto e articulado do que de costume. Respondia às questões com naturalidade e conhecimento. Silvia se deu conta de que Miguel pertencia àquele raro grupo de pessoas que revelam um desempenho ainda melhor quando estão sob pressão. Exatamente, exatamente o oposto dela. Quando a banca anunciou a nota final dando o grau máximo a Miguel e também indicando a dissertação para publicação, os presentes aplaudiram e Silvia era a mais excitada de todos. Foi abraçar o namorado numa alegria infantil. Miguel beijou Silvia e logo se voltou para os colegas e professores. Engatou uma conversa animada com um pequeno grupo, deixando Silvia de lado. Ela sentou numa cadeira e ficou observando Miguel. Os sorrisos, os gestos. Revia os motivos que a tinham levado a se apaixonar por ele. Ainda o admirava. Ainda o achava muito atraente. Pensava isso quando ele se aproximou. Disse que iria sair para comemorar só com o pessoal do curso, se ela não se incomodasse, já tinham combinado. Claro que se incomodava. Claro que disse

que não. Não se incomodava. Miguel a acompanhou até a porta de entrada do curso. Naquela noite, chegou tarde em casa. Não o suficiente para encontrar Silvia dormindo. Mas tarde o suficiente para uma comemoração a dois. Já estava bêbado e anestesiado.

Depois daquele dia, o amor de Silvia e Miguel foi se apagando, se diluindo. Silvia tentava cegar os sentidos para o fim que teimava em se anunciar. Inesperadamente, no dia em que os dois comemoraram três anos de namoro, toda a atmosfera pesada e claudicante se evaporou sem aviso. Ainda na cama, Silvia se aproximou de Miguel. Ele a abraçou com uma emoção cheia e sincera. Persuadiu Silvia a não trabalhar naquela manhã e passaram as horas seguintes entre a cama, a lagoa e o gramado. Miguel cozinhou e alimentou Silvia. À noite, encontraram-se num bar que costumavam frequentar no primeiro ano de namoro. Ouviram música e voltaram para casa, bêbados. Mais tarde, Silvia concluiria que aquela noite havia sido a última noite. Aquele último sopro de energia, de verdade, de afeto.

Era outono. Miguel voltou do trabalho e, ao invés de ir para o chalé, foi dormir na casa do meio. Silvia já estava dormindo e encontrou Miguel pela manhã, quando foi tomar café. Miguel acordou silencioso, sólido, grave. Duas horas depois, disse que precisava conversar. Silvia pensou imediatamente no dia em que perdeu o bebê. Miguel disparou a conversa: “tu achas que nós estamos bem?”. Era uma forma elegante de terminar um relacionamento amoroso, pensou Silvia. Não começava com “eu”, começava com “nós” e abria a possibilidade de um diálogo. Como se fosse possível analisar os erros e traçar um plano de salvamento. Silvia conhecia a habilidade retórica de Miguel e foi essa pergunta aparentemente preocupada e delicada que a afligia ainda mais. Para ela, estava claro que Miguel já havia armado o discurso do fim. Ela foi sincera e disse que não, mas que também achava que os dois podiam tentar de novo.

- Já tentei, Silvia.

- Eu não sabia...

- Tem certeza? - olhou profundamente nos olhos marejados de Silvia. Ela respondeu que talvez soubesse.

Foi uma conversa longa e difícil. Primeiro, porque os pensamentos e sentimentos que assaltaram Silvia foram tantos e tão conflituosos que quando ela abriu a boca para falar, engoliu em seco e explodiu num choro forte. Segundo, porque exatamente neste primeiro momento, Miguel ficou parado. Não esboçou uma reação. Marcava o tamanho da sua distância. Em seguida, se aproximou de Silvia e começou a consolá-la. Quando ela conseguiu se acalmar, os dois retomaram a conversa. Silvia escolheu a culpa e listou todos os seus erros. Sabia o quanto sufocava Miguel, o quanto tinha ficado abalada por causa da perda do bebê. Também fez promessas. Miguel ouviu tudo. Não aceitou os motivos de Silvia e disse que tudo era mais simples, que tudo era uma coisa só: o amor havia terminado. Silvia passou por uma nova onda de atordoamento. Sentia como se Miguel e também como se toda a sua vida e ela mesma estivessem desfazendo. Tinha milhões de palavras embaralhadas. Não conseguia organizar uma frase plausível. A sensação de rejeição era tão monstruosa e tão avassaladora que a fazia dobrar a espinha. Estava ali, novamente, sem ninguém no mundo. Estava sem Miguel. Duvidava de tudo que havia sido e de tudo que poderia ser. Miguel não voltou atrás, não disse. Só consolou Silvia lembrando de que tinha valido a pena. Silvia tinha vontade de rir porque conhecia o que cada frase queria dizer. Sabia que o que Miguel queria dizer com precisão era: acabou. Acabou e não tem nada que você possa fazer para mudar essa situação. Toda a capacidade de articulação, toda a inteligência de Silvia a abandonaram nesse momento. Ela sabia que quanto mais se desculpava, quanto mais tomava para si os erros daquele amor, mais se distanciava de Miguel. Não demorou muito para cair novamente num choro sufocante e desesperado. Chorou até a exaustão e Miguel permaneceu

ao lado dela até que os dois se encararam e compartilharam o olhar mais triste desde que tinham se conhecido.

*

O silêncio invade a Rua das Laranjeiras quando Silvia fecha a porta do chalé. Já estava arrependida de ter ido falar com Miguel. Imagina que, agora, ele devia estar explicando para Catarina porque tinha de desligar o som, quem era Silvia, quanto tempo os dois ficaram juntos, por que brigaram, etc. Silvia conclui rápido: Catarina saberia tudo sobre Silvia antes de Silvia saber qualquer coisa sobre ela.

7.

Com o fim imposto, Miguel se mudou para a casa do meio. Tentava não passar muito tempo na Rua. Chegava tarde. Saía cedo. Mas ainda assim não podia evitar os olhares de Silvia. Passaram duas semanas sem se falar. Logo nos primeiros dias, Silvia se escondia na cama. Chorava de dor e raiva. Perdeu dias e dias de trabalho. Contou tudo para Chico e escreveu uma carta para Henri que estava na Alemanha. Quando a raiva começou a se dissipar, Silvia passou a perambular pela Rua. Almoçava e jantava na casa do meio na esperança de encontrar Miguel. Quando os dois se viam, Silvia tentava ser o mais natural possível, mas parecia perdida. Não sabia quando sorrir ou quando se distanciar. Dois meses depois da conversa fatídica, entrou na casa e parou na frente de Miguel. Ele estava deitado, mas se sentou rápido, cruzou os braços e esperou que Silvia começasse a falar. Ela permaneceu algum tempo calada até conseguir dizer a primeira palavra de súplica.

- Volta.

Ele baixou a cabeça como que para tomar coragem e voltou a olhar para Silvia.

- Não faz isso...

- Eu sei que pode dar certo.

- Já deu certo, Silvia. A gente é passado.

Silvia o encarou por algum tempo até cair a primeira lágrima. Saiu num silêncio profundo. Caminhou até a porta do chalé como se estivesse prestes a entrar num

calabouço. Cada vez que entrava em casa, sozinha, sentia-se aprisionada. Quando fechava a porta do chalé, sabia que nada mais aconteceria. Que Miguel não entraria ali para perguntar ou falar sobre qualquer coisa. Tinha a impressão de que se não fosse apenas ela a abrir a porta no dia seguinte, que morreria ali, abandonada. Mesmo quando Chico a visitava ou a convidava para sair, sabia que estava só. Américo era sua companhia mais constante. Da noite para o dia, saiu do canil improvisado e se postou em frente ao chalé de Silvia. Ela não lembrava de lhe dar comida e água. O cachorro emagrecia e Silvia definhava. A única coisa que conseguia ingerir eram litros e litros de chá. Para evitar encontros diários, Miguel pediu para usar o chalé de Henri até a sua volta da Alemanha.

Foi num sábado de junho.

Já não se encontrava um resquício de calor. Uma época onde a paisagem humana se tornava fundamental para aquecer a atmosfera. O frio instalara-se na rotina da Rua e a maioria das flores e das frutas havia desaparecido das árvores.

Assim, só restava o verde gelado, resistente, testemunha. Silvia, Chico e a namorada Dulce tomavam chimarrão na casa do meio quando ouviram um barulho de carro. Chico espichou a cabeça para fora e viu Miguel.

Miguel e uma mulher.

Antes que pudesse distrair Silvia ou dizer qualquer coisa, percebeu a amiga ao seu lado. Os dois acompanharam a caminhada do novo casal até o chalé de Henri. Miguel carregava uma pequena mala da visitante feminina. Haydée era uma mulher linda. Loira carnuda, alta. Andava calmamente. Mesmo de longe, era possível perceber o quão diferente de Silvia deveria ser. Quando Chico olhou novamente para Silvia, encontrou seus olhos vermelhos, dilatados. Não conseguiu abrir a boca para falar nada.

Silvia catou um prato na mesa e jogou no chão: “aqui, não”, disse e começou a repetir a mesma frase e a pegar o que estivesse a sua frente. Chico tentou segurá-la, mas Silvia se desvencilhou e arremessou mais um prato. Chico e Dulce acompanharam a rápida destruição. Quando Silvia terminou, sentou no chão entre os cacos da louça. Ficou ali e Chico só se aproximou da amiga e a abraçou.

Aquela era uma noite clara.

Depois da explosão na casa do meio, Silvia se fechou no chalé. Zanzava de um lado para o outro. Deitava-se na cama e levantava-se. De repente, abriu a porta e seguiu em direção ao chalé de Henri. Bateu na porta com força e ouviu cochichos. Bateu mais forte. Insistiu até Miguel abrir. Assim que encarou o ex-namorado, percebeu o quanto já deveria estar transfigurada. Miguel armou uma expressão entre a surpresa e o medo. Silvia tentava controlar o tom de voz trêmulo e disse para Miguel que ele não podia fazer aquilo, que ele não podia levar estranhos para a Rua, que aquele lugar era só dos quatro, que ele só morava ali por causa dela, que os dois se amavam e que Miguel não podia estar virando as costas para tudo o que eles já tinham vivido e ainda poderiam viver. Silvia elencava os motivos, elevava o tom de voz, gesticulava. Miguel ouviu sem reagir. A primeira palavra que proferiu foi “calma”, mas não conseguiu dizer mais nada. Silvia entrou no chalé e quase avançou sobre Haydée. Miguel conseguiu agarrar o braço de Silvia e levá-la para fora. Ela gritou: “tu não pode fazer isso comigo”. Miguel disse que os dois já haviam conversado. Chico apareceu a tempo de segurá-la antes que pudesse se arremeter novamente para dentro do chalé. Miguel fechou a porta e deixou Silvia gritando e se debatendo. Chico a carregou para o chalé e a sentou na cama. Ela caiu em prantos. Chorava. Chico não falou nada. Ouvia todas as ofensas, todas as lembranças, todas as promessas de vinganças, todas as juras de amor. Só abriu a boca uma

vez. Quando teve de concordar com Silvia que o caso de Miguel duraria pouco tempo. Alguns meses, quem sabe. Concordou e Silvia começou a se acalmar.

Ainda naquela madrugada, Miguel e Haydée escaparam da Rua como dois fugitivos. Os dois ficariam juntos durante os próximos quatro anos. Graças a um relaxante muscular, Silvia dormia um sono profundo com pesadelos.

Miguel procurou circular ainda menos pela Rua. Durante a semana, movimentava-se discretamente. Nos sábados e domingos, sumia. Silvia passava dias e noites sozinha. Se não fosse por Chico, teria a impressão de estar sendo engolida pelo mato que crescia sem parar. A Rua, assim como ela, foi perdendo o viço. Com a distância e os tempos desencontrados, Chico redefiniu atribuições para os moradores. Cada um ficaria encarregado de uma parte. Miguel preferiu cuidar de todo o terreno em volta da lagoa, assim ficava mais distante do chalé de Silvia. Fazia a limpeza toda quinta-feira. Único dia em que Silvia chegava mais tarde.

Era um dos primeiros dias de setembro. Silvia levantou-se, pela manhã, e arrastou o corpo para fora. No caminho, entre o chalé e a casa do meio, recebeu uma brisa fresca no rosto e sentiu o primeiro aroma do ano da flor de laranjeira. O corpo se contraiu. Silvia colocou a mão na barriga e não conseguiu conter as lembranças: ela com Miguel nos primeiros meses, ali, na Rua. Ela com Miguel tomando banho na lagoa. Ela com Miguel transando.

Ela grávida.

Ela sem o bebê.

Ela vazia.

Ela agora.

*

Depois de quase uma hora na cama, Silvia se acostuma ao silêncio e consegue dormir. A poucos metros dali, na frente da lagoa enluzada, Miguel e Catarina transam sobre o gramado alto e verde. Estão decididos a passar a noite em claro.

8.

Silvia soube da construção do novo chalé da Rua quando viu o pai de Miguel chegar. Naquela mesma manhã, um caminhão estacionou e dois homens descarregaram pesadas tábuas de madeira, sacos de cimento e tijolos. Silvia observou tudo do seu chalé. Olhava a movimentação e deixava cair grossas lágrimas pelo rosto. Nem a existência de Haydée tinha lhe causado tanta dor quanto a possível existência da casa de Miguel. Quando Chico chegou, à noite, Silvia foi correndo perguntar se ele sabia o que estava acontecendo.

- Sabia.

- Por que tu não me contou nada, Chico?

- Ah, não queria que tu ficasse assim, como tu 'tá agora.

- Mas eu ia ficar assim de qualquer jeito, era melhor que eu soubesse antes.

- Desculpa, Silvia. Disse e baixou a cabeça. Silvia saiu do chalé de Chico sem dizer nenhuma palavra. Miguel fez quase toda a casa com material de demolição. Era um lugar pequeno com janelas e portas desencontradas. Tudo parecia um pouco torto, sem alinhamento, mas, ao mesmo tempo, charmoso. As floreiras, os pequenos telhados sobre as janelas, um regador jogado ao lado do jardim novo. Durante todo o tempo da construção, foi Silvia quem se escondeu. Frequentava pouco a casa do meio. Só não sumiu por completo por conta da presença do pai de Miguel. Gostava de se sentir querida por ele. Quando Miguel saía da Rua para trabalhar ou para ir para a casa de Haydée, Silvia se aproximava do ex-sogro com um chimarrão na mão, temperado com hortelã e erva cidreira. Entre um ou outro descanso, os

dois conversavam sem pressa. Silvia procurava saber dos detalhes da construção e realmente prestava atenção em quase tudo que o pai de Miguel dizia. Tinha talento para ouvir e para causar no seu interlocutor a clara impressão de que o assunto abordado era o mais interessante a ser discutido naquele momento. Resistia diariamente à tentação de interrogar sobre a vida do ex-namorado. Tinha vontade de saber minúcias, rotinas. Também vasculhava lembranças e ouvia atentamente o ex-sogro detalhar o passado. Era nessas horas que Silvia conseguia encontrar outro Miguel. E era também nesses mesmos momentos que ela tinha mais certeza de que seu amor não havia terminado.

Miguel trouxe Haydée para a Rua no dia em que o chalé ficou pronto. Foi um final de semana de lua de mel. O casal trancafiado na casa nova. As janelas abertas durante a madrugada. O barulho delicado de água da lagoa. Tudo longe de Silvia e ela se sentindo tão perto de tudo. Sabia que aqueles não seriam os únicos dias de tortura. Lembrava da previsão equivocada. Miguel e Haydée já estavam juntos há quase dois anos. Ele passou a trazer a namorada todos os finais de semana. Silvia ouvia um zumzumzum de vozes ou uma música, ou sentia um cheiro de alguma comida sendo preparada. Tudo acontecia frequentemente, mas parecia existir um acordo tácito, entre Silvia e Miguel, de que Haydée só poderia existir dentro do chalé. Na Rua, permanecia como um fantasma. Existia só depois que a noite caía ou quando Silvia estava fora. Nunca falaram nada, mas Silvia sabia que isso era um acordo. Ela se sentia com um certo poder quando pensava nessa situação. Tinha certeza de que conseguiria aceitar e conviver com outra namorada de Miguel. O que ela não conseguia admitir era a presença de Haydée, especificamente Haydée. Pensava em tudo isso e acreditava. Presumia que era exatamente todo esse estado de coisas que, um dia, poderia extinguir aquele romance. A única chance de isso não acontecer era Miguel abdicar do seu amor pela Rua.

Enquanto o ano passava, Silvia não conseguia se ocupar de nada diferente. Continuava com a rotina comum. Aceitava poucos convites. Tinha a impressão de que tudo lhe tirava uma energia que ela nem mesmo tinha. Preferia olhar os fantasmas que transitavam pelo chalé de Miguel. Era assombrada freqüentemente e não conseguia deixar de pensar, ainda que fosse por um instante, no que os dois estariam fazendo. Chico tentava estar mais presente na Rua. Trazia Dulce para passar o final de semana e os dois inventavam jantares e almoços para convidar Silvia. As conversas eram boas. Silvia e Chico sempre chegavam a um nível de discussão bastante sofisticado. Gostavam, particularmente, de falar sobre a Teoria do Caos, ainda que por motivos diferentes. Silvia sentia-se atraída pela idéia de que algo mínimo e imperceptível acontecido num determinado lugar pudesse causar uma revolução a milhares de quilômetros. Num feriado de Páscoa, decidiu visitar a família no Rio Grande do Sul. Por mais que Miguel e Haydée transitassem pouco pela rua, se via obrigada a se fazer presente de uma maneira diferente. Fazia-se mais bonita, mais ocupada, mais culta. Isso tudo requeria um certo trabalho: roupas despretensiosamente arrumadas, visitas eventuais de alguns amigos, tardes sobre o gramado, com bons livros nas mãos. Naquele feriado, foi para o Rio Grande do Sul com um sabor de derrota. Sabia que a ausência dela desencadearia uma sensação de alívio e prazer em Miguel e Haydée. Ela também se sentia melhor por não passar aqueles dias por ali, mas ao mesmo tempo sentia que a ordem das coisas estava fora do lugar. Ela não deveria ter de sair de casa para se sentir bem. Ainda dentro do ônibus, na estrada, se convenceu de que, na volta, tentaria mudar. Agora, tinha saído dali para poder organizar os próprios pensamentos. Precisava controlar as emoções mais ferozes.

Voltou no domingo à noite. Viu, assim que bateu a porta do táxi, as luzes acesas da casa do meio. Aproximou-se devagar. Sem ruídos. A cada passo que dava, as vozes sobrepostas iam se separando. A primeira que identificou foi a de Miguel. Em seguida, a voz

de Dulce e, logo depois, ouviu a voz que mais temia sem conhecer. Era grave. Forte. Silvia não tinha se dado conta das outras vezes que ouvira a voz de Haydée. E ali estava. Assim que Haydée terminou de falar, uma risada compacta irrompeu o ambiente seguida de um comentário divertido de Chico. Não havia dúvidas, era uma noite animada e os dois casais pareciam compartilhar uma intimidade leve - dessas que se tem logo nos inícios das amizades. Silvia resolveu dar a volta por trás da casa para que ninguém a visse. Antes, deparou-se, no meio do caminho com um cheiro conhecido.

As flores estavam ali novamente.

Entrou no chalé com uma nova sensação de derrota e de solidão. Preferiu não acender as luzes e, apenas com o resto de claridade que vinha da casa do meio, tirou as roupas da mala e deixou tudo sobre a escrivaninha. Não teve forças para tomar banho e se deitou na cama, observando só a própria imaginação. Entre pensamentos e um sono que tentava tomar conta, Silvia ouviu os passos, as despedidas e as portas dos chalés se fechando. A raiva, agora, estava mais forte. Levantou da cama para nada. Foi até o banheiro, voltou. Sentia o peito apertado. Como se o chalé, de repente, tivesse diminuído de tamanho. As paredes de madeira pareciam se aproximar mais e mais. Silvia tentava respirar e massageava o peito, mas a sensação continuava cada vez mais forte. Deitou novamente e se revirou por alguns minutos. Nauseada, ficou em pé na cama para poder abrir a janela. Na Rua, todas as luzes já haviam se apagado. Silvia colocou metade do corpo para fora e respirou fundo. Assim que inspirou sentiu novamente o aroma picante. Sentimentos se misturaram numa espécie de explosão interna, mas Silvia não se abateu. Tinha decidido não se prostrar. Saiu do chalé e caminhou até a lagoa. O cheiro da flor de laranjeira acompanhava cada passo. Ela se sentou próxima à margem e colocou os pés na água. Afundou os dedos na areia. Ficou ali até sentir-se coberta pelo aroma familiar.

Mergulhou.

Ficou sob a água na esperança de se livrar da tortura odorífera.

Emergiu. E, ao buscar o ar para compensar a falta temporária, recebeu uma nova onda do perfume. Mergulhou mais uma vez e, em seguida, começou a nadar para longe da margem. O cheiro ia se desfazendo no ar escuro daquela noite.

Silvia parou de nadar e inspirou. Deitou o corpo e boiou, vaporosa, movimentando-se minimamente. Ficou ali por alguns minutos até decidir voltar a nadar. De repente, um apito forte e agudo. Um grande barco vinha em sua direção. Silvia calculou que não tinha mais tempo para ultrapassar o trajeto que o barco iria fazer. As vozes dos pescadores já quebravam o silêncio da lagoa. Silvia parou de nadar. Era uma baleeira. E outra. E mais uma. De repente, recebeu um fecho de luz sobre o rosto.

- A senhora tá perdida?

- Não, eu moro ali, nas laranjeiras...

- É perigoso nadar essa hora, senhora.

- Eu já tô voltando.

- A senhora quer ajuda?

Silvia agradeceu e nadou em direção à Rua. A cada braçada que dava, sentia o cheiro se aproximar. Pensou que, agora, era *ela* quem se aproximava. Como se a existência do cheiro fosse mais legítimo do que a existência dela. As laranjeiras tinham se instalado ali muito antes. Era ela, Silvia, quem se movimentava de um lado para o outro. Quem dava significado para tudo. Pensou isso e não conseguiu evitar o enorme enjôo que sentiu ao sair da lagoa. Ao passar em frente das laranjeiras se pôs a arrancar as flores e os galhos das árvores.

*

Durante a primeira hora de sono, Silvia teve uma sucessão de pesadelos. Só não acordou porque eram pesadelos críveis, reais. Conhecia as pessoas, os lugares, os sentimentos, as dores.

9.

O caso de Miguel e Haydée continuava. Mas Silvia havia, enfim, abandonado seus pensamentos mais obsessivos. Conseguia conversar com Miguel sobre assuntos caseiros. Comentavam notícias, falavam do tempo, mas dificilmente mergulhavam numa discussão mais acalorada. Eram os moradores mais permanentes da Rua. Henri tinha se mudado definitivamente para Alemanha, mas ainda mantinha o chalé para eventuais férias no Brasil. Chico, cada vez mais envolvido com a universidade e com Dulce, aparecia somente aos fins de semana.

Silvia e Miguel ficavam verdadeiramente mais próximos quando estavam trabalhando no jardim. Então, nesses momentos, Silvia sentia que a Rua era uma espécie de filho que une os pais para sempre. Pensava que aquele lugar que ela havia dado para Miguel a tornava eternamente presente para ele. Nessa época, quando pensava isso, sentia-se conformada. A vaidade conseguia resigná-la. Era um conforto que durava até o telefone tocar, Miguel atender e falar com Haydée da maneira mais amorosa possível. Silvia tentava controlar um impulso avassalador de raiva e desolação. Um impulso que era o resquício de tudo que ela havia sentido durante os últimos dois anos. Convencia-se de que estava na hora de abandonar a prisão que ela mesma havia armado. Enquanto Miguel falava ao telefone, tratava de se ocupar de qualquer coisa que estivesse por perto, mas não conseguia se afastar. Precisava ouvir, perceber e comparar o amor de Miguel.

Era aniversário de Chico.

Silvia ajudava nos preparativos de um luau que aconteceria em frente à lagoa. Miguel e Haydée não estariam presentes na festa e Silvia estava se sentindo especialmente livre como há muito tempo não se sentia. Chico havia preparado um drinque de vinho branco e hortelã. Enquanto ajudava a organizar a mesa, Silvia se deu conta de quanto gostava daquela época do ano, daquela atmosfera que começa a esfriar dia a dia, como se o sol fosse se escondendo aos poucos. Uma promessa de sossego.

A maioria dos convidados eram colegas da universidade. Professores, funcionários e até mesmo alguns alunos. Chico não escondeu a ansiedade e a intenção de armar um clima de romance para Silvia quando um de seus amigos chegou. Fernando. Professor de Arqueologia, recém-separado. Dois ou três anos mais velho do que Silvia. Um tipo comum, sem nada que se destacasse fisicamente. O que chamou a atenção de Silvia foi a exagerada formalidade de Fernando. Um modo de ser que parecia inapropriado para época. Imaginou Fernando perfeitamente encaixado num cenário do século XIX. Achou divertido. Diferente das outras vezes em que se encolhia ou mesmo se irritava com a mania de Chico de lhe apresentar pretendentes, Silvia foi receptiva e engatou uma conversa com o visitante. Sentia-se segura e bonita. Levou o colega de Chico para conhecer a Rua, os pomares, a horta, os jardins. Não havia quem não se encantasse com o lugar. Sempre que ouvia os elogios das pessoas, voltava a experimentar a primeira sensação que teve quando viu a Rua pela primeira vez. Assim, passou todo início da noite. Ora conversando com Fernando, ora servindo os convidados. Aos poucos, ia conhecendo os pequenos grupos que se formavam. Sentia que havia despertado um forte interesse em Fernando, mas a elegância e a formalidade dele não permitiam qualquer gesto mais direto, ali, na frente de todos.

A noite corria leve aos ouvidos de Silvia. O vinho branco, o ar fresco de maio, o olhar de Fernando, a ausência de Miguel, a receptividade dos amigos de Chico haviam lhe

causado um bem-estar completo. Passava de meia-noite quando um novo grupo de convidados chegou à Rua. Eram todos alunos de Chico. Traziam cerveja, um violão e um novo ânimo para a festa. Cumprimentaram os convidados e se apresentaram como se fossem íntimos de todos. Duas meninas abraçaram Chico e logo começaram a cantar *Parabéns a você*, puxando as vozes na Rua. Não demorou muito para que Silvia percebesse um dos novos convidados. Estava com os olhos sobre ela. Era Théo. Destacava-se de todo grupo não só por tocar o violão, mas pelo tom arruivado do cabelo despenteado e pela boca exageradamente carnuda para um homem. Théo olhava diretamente para Silvia. Não hesitava. Era certo, corajoso e, sobretudo, parecia se divertir com o jogo que ele próprio tinha imposto. Silvia chegou a olhar duas ou três vezes para trás e para o lado a fim de se certificar se não estava enganada. Era uma surpresa agradável e, ao mesmo tempo, assustadora para Silvia. Calculava que Théo deveria ser, no mínimo, dez anos mais novo. Para se desvencilhar do embaraço lisonjeiro, se levantou para oferecer uma nova rodada de drinques para os convidados e convocou Dulce para lhe ajudar. Enquanto caminhavam em direção a casa do meio, Dulce começou a falar de Fernando e a sondar discretamente. Silvia prorrogava ao máximo uma resposta. Ouvia Dulce com um meio sorriso enigmático que poderia dizer qualquer coisa. Quando as duas chegaram a casa, Dulce foi mais enfática: “Então, tu gostou dele?”. Antes que pudesse abrir a boca, Silvia ouviu uma voz jovial e rouca: “isso aqui é bonito pra caralho!”. Era Théo. Estava subindo o pequeno morro em direção à casa do meio. Dulce e Silvia concordaram com um sorriso receptivo e entraram. Silvia sentiu o suor começar a brotar nas mãos. A consciência se tornou concreta e clara como se ela não tivesse ingerido um gole de álcool. Ouviu Dulce falar alguma coisa sobre os drinques, mas também ouviu um zunido. Théo entrou na casa. Cumprimentou Silvia com um olhar brilhante e determinado. Pediu fósforos. Queria armar uma fogueira na frente da lagoa: “É só o que tá faltando aqui. O resto tá perfeito. Isso é o paraíso noturno”. Falou isso e encarou Silvia. Dulce

terminava de organizar alguns copos sobre uma bandeja e não percebeu nada. Não notou o desconcerto de Silvia e saiu em direção à lagoa.

Era o primeiro beijo de Silvia depois da perda de Miguel.

Théo estava ali, no exato momento em que ela se reconhecia. Passaram o resto da noite, até o amanhecer, em frente à fogueira. Théo adorava falar sobre questões metafísicas. Também tentava conhecer Silvia. Tinha, já no primeiro encontro, uma curiosidade amorosa. Ainda não havia entrado naquela fase da vida onde é preciso se justificar por tudo e apresentar a melhor versão de si mesmo para os outros. Era só ele, como era. Dono de um bom humor inabalável, tinha a alegria serena daqueles que são bem-criados e, acima de tudo, daqueles que são bem-amados. Silvia não teve como resistir e negar que se sentia cada vez mais feliz por compartilhar seus dias com Théo. No início, costumavam se encontrar só depois do trabalho de Silvia. Frequentavam alguns bares do centro e ficavam até amanhecer ou terminavam a noite no apartamento de Théo, na cama dele. Silvia gostava de estar um pouco ausente da Rua. Gostava de estar em lugares onde não precisava dar satisfação a ninguém. É verdade que, algumas vezes, perguntava-se se era isso mesmo que sentia ou se, na verdade, tinha algum tipo de receio ou constrangimento de levar Théo para Rua. Miguel perguntou sobre o novo namorado de Silvia. Estava amistoso. Silvia não pôde deixar de se sentir envaidecida pelo interesse repentino, e também, ao mesmo tempo, ficou feliz ao se dar conta de que sorria ao falar de Théo. Falou pouco, mas o suficiente para perceber uma nítida curva descendente do ânimo de Miguel. Ele, que havia começado a conversa com o subtexto: “que bom que você está com alguém, assim eu posso viver em paz”, se despediu de Silvia com um olhar enigmático. Um olhar que se arma quando percebemos que alguma coisa mudou, mas não conseguimos identificar exatamente o quê ou mesmo se fazemos parte dessa mudança.

Já se passara mais de um mês que estavam juntos. Num dia, Théo perguntou, sem rodeios, por que Silvia não o convidava para ir até a Rua. Por que sempre tinha uma desculpa ou um compromisso. Perguntou também se Silvia ainda gostava de Miguel. Ela disse que não sabia e convidou o novo namorado para passar um final de semana na Rua.

Théo tocava uma música antiga de Caetano Veloso. Silvia, Dulce e Chico estavam sentados sobre o gramado. Era sábado. Miguel se aproximou e foi simpático. Forçosamente simpático. Silvia percebeu o quanto a presença de Théo o surpreendia. Tudo se revelou num instante congelado, exatamente no momento em que Miguel olhou para o rosto de Théo. Possivelmente não havia imaginado esse tipo de homem para Silvia. Possivelmente não imaginava alguém tão jovem, tão atraente. Silvia podia ver a mente de Miguel trabalhando e fazendo conjecturas. Lembrou, na mesma hora, o quanto Miguel desejava tocar violão. Durante os três anos de namoro, cansou de ouvi-lo prometer que um dia iria aprender a tocar. Agora, estava ali, servindo de platéia. Quando Théo terminou de tocar, encheu o copo de cerveja e deu um longo beijo em Silvia, a pequena roda começou a se desfazer por iniciativa de Miguel.

Silvia e Théo passaram a noite inteira acordados. Silvia feliz. Só não sabia dizer se totalmente feliz por ela e por Théo ou se parte dessa felicidade tinha a ver com Miguel estar sozinho. Não pôde deixar de pensar nele. Tentava escapar da comparação, mas algumas vezes caía na velha armadilha sem perceber. Aos poucos, o vinho ajudava Silvia a se distanciar. Foi ficando sobre a cama, com os olhos e os pensamentos em Théo.

Acordaram quase meio-dia.

Théo inspirando profundamente. O nariz encostado na nuca de Silvia.

Começou a tecer os elogios mais exagerados sobre o cheiro da namorada e Silvia lembrou imediatamente dela mesma em todos os seus raros relacionamentos. De

quantas vezes se sentia envolvida e absorvida pelos cheiros dos corpos que tanto tinha amado. O cheiro do corpo de Miguel. O cheiro do corpo de Miguel ainda era o cheiro mais forte que pairava na sua memória. Mesmo com Théo ao seu lado, podia sentir perfeitamente o cheiro do ex-namorado. Percebeu, então, ao ouvir Théo, que ele desempenhava um papel que sempre havia sido dela. Pela primeira vez, se sentia como o objeto de desejo. Théo reverenciava a existência da namorada. Abraçava sem disfarce a incumbência de venerar o outro.

Durante os cinco meses de namoro, Silvia sentia que podia transitar livremente. Não precisava fazer cálculos de ações e reações. Mas também sentia que exatamente por isso não era justa ou verdadeira com Théo. Sabia com toda a certeza que o amava menos e o pior de tudo, sabia que não concordava, que definitivamente não podia concordar com esse tipo de amor. Era essa nuvem que surgia quando se deparava com o olhar de Théo. Tentava afastá-la acarinhando os cabelos arruivados do namorado, mas a nuvem, dia a dia, teimava em não sair dali.

Quando Silvia começou a se atormentar sobre o pouco amor de que dispunha para Théo, percebeu que Miguel iniciava uma verdadeira reaproximação. Acabara de comprar um carro novo e assim que a primeira oportunidade surgiu, tratou de oferecer caronas diárias para Silvia. Continuava a namorar Haydée e não deixava escapar qualquer comentário sobre uma possível crise. Era uma aproximação sem evidentes intenções amorosas, mas Silvia não conseguia deixar de se sentir bem quando o encontrava, quando os dois conversavam e agora sim, quando os dois discutiam assuntos polêmicos.

Aos poucos, Silvia foi se tornando menos disponível para Théo. Ficava até mais tarde no trabalho sem se importar. Procurava, ainda que inconscientemente, afazeres que não incluíam o namorado. Ele, ao invés de se tornar carente ou irritado com a repentina falta de tempo, tornava os poucos momentos nas horas mais agradáveis do dia de Silvia. Nessa mesma época, Haydée viajou para Buenos Aires, o que fez com que Miguel permanecesse

ainda mais na Rua. Chegava cedo quase todas as noites, cuidava com calma dos jardins e do pomar. Silvia percebeu a mudança na rotina. E sentiu-se inevitavelmente deslocada. Quando chegava - acompanhada de Théo - e se deparava com Miguel envolvido em alguma tarefa da Rua, sentia um ímpeto incontrolável de expulsar o novo namorado. Afinal, era aquela vida que tinha imaginado ter. Não deveria ter que trazer mais ninguém para Rua, para sua casa e para sua cama. Não deveria precisar se expor e se envolver. Para ela bastava o que já tinha feito e construído com Miguel. Pensava tudo isso e, ao mesmo tempo, sabia que era um delírio irracional. Théo parecia ler os pensamentos de Silvia e, nessas noites, se aproximava com maior desvelo. Então, Silvia se deparava novamente com a nuvem que entre os dois, e percebia que, cada vez mais, a nuvem se adensava até que ela não pudesse enxergar os olhos de Théo.

A ausência de Haydée contribuiu para a auto-estima de Silvia se tornar aparentemente inabalável. Estava cada vez mais solta e receptiva com Miguel. Agora, os dois se encontravam quase todas as manhãs, na casa do meio. Os horários foram se adequando aos poucos. Às vezes, Miguel esperava Silvia, às vezes, ela se atrasava para acompanhá-lo e, quando todos os tempos se ajustaram, estavam tomando café da manhã juntos, todos os dias. Conversavam sobre tudo: política, cinema, arte, filosofia. Sensações diárias sobre a vida. Falavam de tudo, mas nunca tocavam no assunto Haydée e Théo. Quando Silvia trazia o namorado para passar a noite na Rua, procurava evitar a casa do meio, na manhã seguinte.

Era sábado. Silvia e Théo estavam enclausurados no chalé desde a sexta-feira à noite. Chegaram tarde de uma festa e por ali ficaram. Acordaram quase meio-dia e Silvia providenciou um café-almoço na cama. Estava com a cabeça borbulhando. Tentava, a cada movimento, a cada reação, distinguir o que era culpa, o que era amor, o que era desespero. Quando Théo disse que precisava voltar para casa porque tinha de terminar uma resenha,

Silvia não se manifestou. Sentiu, ainda que sem querer, um alívio que a surpreendeu mais do que poderia imaginar.

Levou Théo até o fim da Rua, mas quando viu o namorado se distanciar, sem olhar para trás, teve vontade de correr para abraçá-lo. Estava verdadeiramente triste por não amá-lo ou por não amá-lo tanto. Sabia que aquela partida era uma porta que se fechava e o que mais lhe apertava o peito, era saber que provavelmente Théo, naquele mesmo momento, estava compartilhando a mesma sensação.

Ficou no chalé o resto do dia. Foi Miguel quem a procurou para dividir um chimarrão, na casa do meio. Uma hora depois, Chico e Dulce chegavam à Rua. Armaram um fogo perto da lagoa e prepararam ostras e lulas para o jantar. Chico havia trazido algumas garrafas de vinho branco e a conversa entre os quatro atravessou a noite. Quando Chico e Dulce se beijaram, numa das primeiras vezes, Silvia se perguntou por que Chico não havia feito nenhum comentário sobre Théo. Por que agia como se ela e Miguel sempre estivessem juntos? À medida que bebia o vinho, ia apagando as perguntas que lhe incomodavam durante todo o dia. Ria. A conversa dilatava-se no tempo. Os quatro se entendiam. Era uma noite sem vento.

Chico e Dulce se despediram no início da madrugada, mas Miguel não fez qualquer menção de sair. E por ali ficaram.

Beberam mais vinho e conversaram até Miguel se aproximar. Beijou Silvia como sempre fazia. Ela ficou tão impactada que não ouviu quando Miguel disse que ela estava linda. Falou isso, mas logo se retraiu, pedindo desculpas. Silvia olhou para Miguel fixamente ao mesmo tempo em que sentia o corpo inteiro tremer como se estivesse entrando numa espécie de colapso. Olhou e se aproximou para beijá-lo. Tinha vontade de chorar e não sabia por quê. Não deixou cair uma lágrima, mas anulou imediatamente qualquer raciocínio lógico que pudesse lhe ocorrer. Quando os dois começaram a tirar a roupa, Miguel falou, só

naquele momento, sobre o amor que ainda achava que sentia por Haydée. Perguntou também se Silvia sabia que nada iria mudar. Silvia não ouviu uma palavra. Estava tão ávida e ansiosa pelo encontro que mesmo que Miguel dissesse que a odiava, ela continuaria a beijá-lo.

Transaram ali, na frente da lagoa.

Miguel elogiou a beleza de Silvia e ela se sentiu bonita o suficiente para agir com toda a naturalidade possível. Estava certa que ainda causava uma impressão forte em Miguel. O cheiro do corpo dele trazia à tona todos os desejos resguardados. Silvia sentiu que enquanto os dois estavam juntos, enquanto transavam não havia espaço para racionalismo. Só os sentidos lhe respondiam que tudo voltava ao seu lugar.

Uma chuva providencial os expulsou antes que pudessem dormir juntos. Miguel acompanhou Silvia até o chalé e se despediu com e um abraço.

Ela não teve coragem.

Não disse uma palavra.

Entrou no chalé com os cabelos molhados pela chuva, Sentou na cama e a primeira sensação que teve, o primeiro registro que fez depois de ter transado com Miguel, foi de seu próprio corpo. Era capaz de perceber o álcool ainda presente em seus pensamentos. Inspirou profundamente e sentiu, num ínfimo momento, uma espécie de mergulho sensorial. Era o cheiro que mais desejava: o cheiro do corpo de Miguel impregnado no seu corpo. Não pensou no que Miguel lhe disse antes dos dois transarem. Apenas estavam passando por uma experiência de conscientização total. Era aquele cheiro que fazia parte da sua rotina afetiva.

Silvia não dormiu e saiu cedo da Rua. Foi até a casa de Théo e o encontrou ainda de pijama, cabelos desgrenhados. Disse que precisava conversar. Despejou uma infinidade de razões e culpas tentando colocar um ponto final no namoro.

Théo ouviu tudo sem dizer uma palavra. Ouviu Silvia dizer, de todas as formas possíveis, como ela se culpava por achar que Théo a amava mais, que ela não conseguia sentir

o que ela achava que era amor, que, enfim, achava que só tinha amado uma única pessoa. Théo a abraçou e acarinhou seus cabelos. Disse lamentar. Lamentar que Silvia pudesse entender que, para acreditar num amor, fosse preciso sofrer, fosse preciso amar mais que o ser amado, fosse preciso se sentir frágil, inseguro. Disse sem derramar uma lágrima. Acarinhou o rosto de Silvia e lhe deu um beijo.

Ela não conseguiu falar.

*

Silvia acorda pela terceira vez naquela noite. Tem a impressão de não ter dormido absolutamente nada. O sono se torna delgado, falso, frágil. Os olhos chegam a se fechar, tentando abandonar o mundo concreto, mas Silvia fica no limbo noturno. O desespero de uma mente alerta sem descanso, sem paz.

10.

E um dia aconteceu.

Miguel e Haydée terminaram o longo caso amoroso.

Quatro anos.

Nos últimos tempos, Silvia e Miguel compartilhavam uma amizade tranqüila. Sem sobressaltos. Sem esperanças. Os dois cuidavam da Rua, mas era fácil perceber que o lugar havia se tornado um projeto do passado. Tudo se mantinha: a horta, os pomares, o caramanchão, mas quase nada ostentava a exuberância do cuidado diário e atento. Os quatro chalés já haviam perdido quase toda a tinta dos primeiros anos. Na casa do meio, algumas goteiras umedeciam periodicamente a sala e a cozinha. Silvia acostumara-se. Vivia a rotina e se refugiava em seu chalé. Na noite em que soube do fim, Silvia deitou-se na cama e recordou o primeiro dia em que Miguel levou Haydée para a Rua. Lembrou de como tudo aquilo parecia, à primeira vista, algo definitivo, como se ela soubesse da exata duração do romance. Os quatro anos foram suficientes para roubar uma infinidade de afetos e expectativas de Silvia. Estava ali, agora, deitada sobre a cama e ria tentando juntar os dois momentos: a primeira vez que viu Miguel com Haydée e agora, quando soube do fim. Sabia que não amava mais Miguel como da primeira vez. Não era suficientemente ingênua ou obsessiva para acreditar que poderia reaver o amor perdido. Já tinha aprendido a odiar e a gostar novamente de Miguel e, esse retorno a um sentimento agradável tinha extinguido ou, pelo menos, camuflado uma expectativa de reversão. Silvia tinha desculpado Miguel e isso assegurava sua

sanidade. Refletia tudo isso racionalmente, mas, ao mesmo tempo, não conseguia deixar de pensar no desenrolar dos fatos. O que Miguel estaria sentindo. Quando ele contou a Silvia sobre o fim, parecia estar convencido há muito tempo sobre a decisão.

Ela não podia deixar de se lembrar da única noite em que os dois haviam transado. A única em quatro anos. Os dois só se falaram dois dias depois. Silvia já havia terminado o namoro com Théo. O reencontro aconteceu pela manhã, na casa do meio. Miguel terminava de coar o café quando Silvia entrou apressada para o trabalho. Assim que se viram, pararam os olhares. Miguel se aproximou e os dois se abraçaram por um longo tempo. Silvia se afastou para encará-lo e quando Miguel fez menção de falar, ela colocou a mão sobre os lábios dele. E assim a noite ficou guardada, quase escondida da memória. Silvia preferia pensar que tudo aquilo era o ideal e só não era concretamente por uma razão que ela desconhecia, mas que, naquele momento, preferia não investigar.

Quando Miguel quis falar sobre Haydée e sobre o término do seu namoro, Silvia ouviu e conversou da forma mais madura possível. Articulou um discurso onde a tônica principal era a felicidade e a unicidade de cada um. Falava com elegância e distanciamento. Chegava a mencionar o nome de Haydée para não deixar escapar qualquer ressentimento, mas intimamente não conseguia deixar de sentir um certo prazer, uma felicidade pequena. Primeiro, sentia a tal felicidade com uma ponta de culpa. Depois, encontrou como justificativa para tal sentimento: a mudança de Miguel. Silvia confortava-se com sua felicidade pequena como uma mãe ciumenta e possessiva que diz: “viu como ele fica melhor sem ela?”. Miguel estava mais espontâneo e principalmente, mais divertido. Contava piadas e dava risadas largas. Às vezes, Silvia tinha a nítida sensação de ver o Miguel de oito anos atrás. Ele começou a chegar em casa de madrugada. Pela manhã ou na hora do almoço contava a Silvia sobre as peripécias noturnas sempre na companhia de Vitor, um amigo recente, aluno do curso de especialização. Silvia se dava conta de que, com trinta e dois anos, Miguel

aproveitava a noite para resgatar um pouco da juventude perdida. Ele convidava Silvia para sair inúmeras vezes, mas ela recusava. Não se sentia disposta a enfrentar o ritual jovem de sedução sem compromisso. Sabia que sair com Miguel era algo exaustivo, ainda que divertido. Sabia que ele também precisava desse momento completamente sozinho. Perambulava durante a noite por vários lugares. Bares, festas, casas de alunos. Sempre bem recebido. A admiração juvenil parecia ser o suficiente, por enquanto.

Aos poucos, a atmosfera da Rua também foi se transformando. Silvia tinha certeza disso. Acordou num dia com a impressão de que tudo estava maior, mais amplo. Olhava em volta e não percebia nenhuma mudança. Miguel falava em plantar novas árvores, cuidar dos jardins, arrumar o banco de madeira, mas os planos ficavam na mesa do café da manhã. Tudo continuava como antes. Só a porta e as janelas do chalé de Miguel é que haviam sido abertas. Ele chegava do trabalho e abria tudo urgentemente. Nem a chuva lhe fazia fechar a casa.

Numa quinta-feira de ar abafado, Miguel chegou cedo. Encontrou Silvia, na casa do meio, preparando um peixe no forno. Molho de maracujá, curry. O perfume tomava conta de todo o espaço. Sobre a pia rústica, uma garrafa de vinho branco acompanhava a noite.

Jantaram, conversaram, riram. Tudo como no primeiro ano de namoro. Risos soltos em meio às falas sinceras. Nenhum dos dois com reservas ou formalidades. Eram o que podiam ser. Pareciam felizes. Miguel terminou de contar mais uma história engraçada envolvendo os alunos da faculdade. Silvia balançava a cabeça com uma expressão de descrença e divertimento. Estava perfeitamente linda e Miguel arrematou: “Vou te levar pra noite esse final de semana”. Ela riu e mentiu dizendo que precisava estudar. Um projeto para apresentar para o Governo do Estado. Em questão de segundos, ficou nervosa. Miguel disse um tudo bem, então, quem sabe a gente não arma uma fogueira no sábado. Podia chamar o

Chico, o Vitor. Silvia respondeu com um de repente e terminou de encher as taças de vinho branco que chegava ao fim.

Lavaram a louça e se despediram lembrando alguma piada que Miguel havia contado durante o jantar. Quando Silvia começou a andar sozinha em direção ao seu chalé, sentiu uma euforia no peito. Uma alegria presa e descontrolada. Então, deu espaço para a imaginação e a memória e, quando abriu a porta, não conseguiu deixar de sorrir.

Por mais que vivesse os últimos meses numa rotina de festas, Miguel nunca deixava de dormir em casa. Podia chegar pela manhã ou até de tarde, mas sempre voltava para dormir a noite que havia passado em claro. Naquele final de semana, saiu na sexta-feira para uma festa da faculdade onde lecionava e não apareceu no dia seguinte. Silvia demorou a perceber a ausência. Acordou tarde e não saiu do chalé. Sentia-se bem, sem saber. Pequenas expectativas cintilavam o seu ânimo. Além de tudo, adorava se perder nas horas durante o fim de semana. Ficava na cama lendo ou simplesmente pensando. Era um conforto. Um prazer que proporcionava a si mesma. Quando entrou na casa do meio, estranhou não ver nenhum indício de Miguel. Passava por ali antes de se deitar. Tomava um suco ou uma água e deixava o copo na pia. Silvia espichou o olhar para o chalé de Miguel e viu tudo fechado. Deu de ombros. Talvez tivesse chegado tão cansado que só havia tido tempo para abrir a porta e desmaiar na cama. Silvia saiu dali e voltou para o chalé. O tempo nublado lhe tirava o ânimo para realizar qualquer tarefa. Voltou para cama e abraçou um de seus livros preferidos. O silêncio era dono da Rua. Nada, naquela hora, se tornava mais presente. Quando se levantou no final de tarde, Silvia se deu conta de que Miguel não havia aparecido. Tomou um banho demorado. A água morna escorrendo pelo topo da cabeça lhe fazia bem. Abriu o armário e tirou uma caixa de presente. Desfez o laço e revelou um novo embrulho de papel manteiga. Era uma bata azul, com delicados bordados azuis e um decote suave. Vestiu. Achou-se bonita, mas o coração entrava em expectativa alterando, sem ela perceber, o brilho vivo do olhar.

Na casa do meio, encheu uma taça de vinho. A Rua vazia. Duas horas depois, jantou olhando através da janela. Retornou ao chalé para terminar o livro. Dormiu antes de chegar ao último capítulo. Ainda vestia a bata azul.

A luz indireta do sol clareava a Rua aos poucos.

Era um domingo de manhã parado, sem vida, sem sons, sem movimentação.

Silvia levantou e se deparou com toda a imobilidade sobre ela. Num instante rápido, percebeu que era a única naquele espaço. Miguel não era o único ausente. Chico não havia aparecido durante todo o final de semana. Na verdade, já havia transformado a Rua num destino para férias ou eventos festivos. Silvia não se importava com o sumiço do amigo, mas naquele domingo, naquele exato momento, desejou profundamente que pelo menos ele estivesse lá. Olhou para o chalé de Miguel. Tudo se mantinha da mesma forma. Pensou na possibilidade de um acidente, qualquer contratempo trágico, mas logo desconsiderou. Apenas conferiu mais uma vez as mensagens e as chamadas recebidas no celular, enquanto caminhava em direção à lagoa. Parou quando os pés tocaram a estreitíssima faixa de areia branca. Olhou tudo em volta e observou, talvez pela primeira vez, a possibilidade de ser uma intrusa naquele lugar. O mato recém-crescido sobre a grama. As árvores com os galhos e as folhas sem poda. Silvia pensou que a Rua se bastava sozinha. Não precisava de ninguém para continuar existindo.

O domingo passou em branco.

Silvia não estudou o que deveria ter estudado, não limpou a horta, não plantou nada. Só perambulou entre seus pensamentos e memórias. Nada muito profundo ou catalisador ou depressivo. Permaneceu num estado morno. A noite veio e também a ausência de Miguel. Agora, com mais força, com maior preocupação. Tentou o celular e só ouviu a voz metalizada informando que seria impossível falar com ele naquele momento. Entrou na casa do meio e só então se deu conta de que não havia comido nada desde o café da manhã.

Preparou um lanche rápido. Um sanduíche de pão de centeio e queijo de minas acompanhado de uma xícara de café preto. Mordeu sem vontade e ouviu um barulho conhecido se aproximando. Era o carro de Miguel. Nunca se enganava. Mordeu mais um pedaço do sanduíche e começou a pensar o que teria acontecido para ele voltar para casa só domingo à noite. Estava, inegavelmente, muito curiosa, apreensiva, mas sabia que era uma questão de tempo. Miguel sempre passava na casa antes de se acomodar no chalé. Quando deu o primeiro gole no café morno, ouviu a voz de Miguel misturada a uma voz feminina. O líquido ainda passava pela garganta quando sentiu todo o corpo se retesar. Silvia aproximou-se da janela sabendo o que iria encontrar.

*

11.

Na manhã seguinte, Silvia encontra Miguel e Catarina na casa do meio. A garota está sentada no colo do novo namorado, abocanhando um pedaço de pão que ele segura nas mãos. Silvia fica envergonhada. Miguel, educado, apresenta Catarina, e Silvia pode confirmar o que já imaginava: é uma mulher jovem. Talvez vinte e quatro, vinte e cinco anos. Silvia calcula que deveria ser uns dez anos mais velha. Mas não é isso que a desconcerta. Ao se sentar à mesa, para tomar café, Silvia observa os detalhes de Catarina e se impressiona com a semelhança. O mesmo nariz grosso, algumas sardas respingadas. É apenas uma versão mais nova dela. Com o silêncio sobre a mesa, Catarina olha para o relógio e diz que precisa ir. Ele a abraça com força e pede para que ela fique. Silvia lembra da primeira manhã que passou com Miguel, depois da festa com vodka e Nietzsche. É capaz de jurar que ouvira a mesma frase, a mesma entonação, envolvida no mesmo abraço. Sem poder escapar da cena melosa, Silvia toma um grande gole de café. Sente o líquido quente queimar a garganta e entende a dor como um castigo. Os olhos quase começam a lacrimejar, mas ela trata de se distrair com os pedaços de queijo que começa a cortar sistematicamente. Catarina tenta se soltar de Miguel, mas ele continua a insistir. Sem mais argumentos, a garota dá um beijo demorado no novo namorado e sai apressada, dizendo que precisa pegar suas coisas. Vencido, Miguel sorri largamente. O sorriso bobo de quem começa a se apaixonar. Come com vontade o resto do sanduíche mordido por Catarina e olha para Silvia como se tivesse a visto pela primeira vez. Como se, só naquele momento, tivesse percebido que não estava só. Silvia levanta da mesa e

começa a lavar a louça. Tenta mentalizar assuntos práticos: o projeto novo, sabão em pó e amaciante, telefonema para a mãe. Tudo em vão. A cabeça latejava e Silvia se pergunta até que ponto a encenação de Miguel é verdadeira. Estaria mesmo apaixonado ou era tudo simplesmente uma *mise en scène* rotineira? Catarina surge na porta e abana para Miguel anunciando a partida. Os dois saem da cozinha e ficam fora do campo de visão de Silvia. Com a torneira aberta, é possível ouvir apenas algumas palavras salteadas, murmúrios amorosos. Silvia fecha a torneira e fica atenta. Miguel fala num tom de súplica, mas Catarina continua irredutível, elencando os compromissos. Depois de um único beijo, Miguel repete uma frase que Silvia já ouvira de seus lábios, numa manhã, há quase nove anos. É a mesma frase e Silvia podia apostar que Miguel deveria estar segurando o rosto de Catarina e pressionando levemente suas têmporas. Um silêncio eterno se segue antes de Silvia colocar o rosto na janela. Vê uma cena dolorosamente bonita. Miguel carregava Catarina no colo e a garota enlaçava o pescoço do novo amor. Silvia acompanha os dois até entrarem no carro. Partem rapidamente deixando para trás a porta aberta do chalé de Miguel. A janela do quarto também ficara aberta e Silvia vai até lá. Pode ver os lençóis brancos amarrotados pela madrugada. O sol já toma conta de cada recanto. E a Rua das Laranjeiras está vazia. No ar, apenas um leve resquício do perfume de Catarina.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BURR, Chandler. **O imperador do olfato: uma história de perfume e obsessão.** [tradução de Rosaura Eichenberg]. São Paulo: Companhia das letras, 2006. 412 p.

HERTEL, Ralf. **Making sense: sense perception in the British Novel of the 1980s and 1990s.** Amsterdam: Editions Rodopi B.V, 2005. 244 p.

MALNIC, Bettina. **O cheiro das coisas: o sentido do olfato: paladar, emoções e comportamentos.** Rio de Janeiro: Vieira & Lent, 2008. 112 p.

SÜSKIND, Patrick. **O perfume: a história e um assassino.** [tradução de Flávio R. Kothe]. Rio de Janeiro: Record, 1985. 218 p.

MONTAIGNE, Michel de. **Ensaaios.** São Paulo: Abril Cultural, 1972. 568 p.

Cristina Gomes

Jornalista e roteirista de televisão e cinema. Especialização em Literatura Brasileira pela PUCRS. Mestre em Teoria da Literatura (eixo Escrita Criativa) pela PUC-RS.

(Texto informado pelo autor)

Última atualização do currículo em 15/05/2009

Dados pessoais

Nome: Cristina Gomes

Nome em citações bibliográficas: GOMES, Cristina

Sexo: Feminino

Formação acadêmica/Titulação

2006 -2009: Mestrado em Programa de Pós Graduação em Letras
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUC RS, Brasil.
Título: O cheiro das palavras. Ano de Obtenção 2009.
Orientador: Luiz Antonio de Assis Brasil
Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

2002 - 2002 Especialização em Literatura Brasileira.
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUC RS, Brasil.

1994 -1997 Graduação em Jornalismo.. Universidade Federal de Santa Catarina. UFSC, Brasil.

Formação complementar

2005-2005 Marcas do Sujeito. (Carga horária: 15h).

Universidade do Vale do Rio dos Sinos, UNISINOS. Brasil

2002-2002 Extensão universitária em Oficina de Criação Literária (Carga horária: 120h).

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUC RS Brasil.

1998 - 1998 Teorias do Cinema.

Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, Brasil

Atuação profissional

Universidade do Vale do Rio dos Sinos, UNISINOS, Brasil.

Vínculo institucional

2005-2008 Vínculo: Celetista, Enquadramento Funcional: Professor titular, Carga horária: 10 horas.

Atividades

2/2005 – Atual: Ensino, Curso de Realização Audiovisual, Nível: Graduação.

Disciplinas ministradas:

- Roteiro - especialidade

Áreas de atuação*Idiomas*

Inglês: Compreende Bem, Fala Razoavelmente, Lê Razoavelmente, Escreve Pouco.

Francês: Compreende Bem, Fala Bem, Lê Bem, Escreve Razoavelmente.

Prêmios e títulos

2009 Seleção New York Festivals'2009 Film & Vídeo Awards - Série Primeira Geração, New York Festival.

2008 Fumproarte/SMC/PMPA Roteiro: Groelândia Secretaria Municipal de Cultura.

2008 Edital no.5 de Desenvolvimento de roteiros de longa-metragem, Ministério da Cultura

2005 Melhor Filme 16 mm da Mostra Gaúcha - Prato do dia, 33º Festival de Cinema de Gramado.

2005 IV Prêmio Santander/ Prefeitura de Porto Alegre/ APTC de desenvolvimento de longa-metragem, Santander, Prefeitura de Porto Alegre e APTC.

2005 Fumproarte/ SMC/ PMPA Roteiro: A peste da Janice, Secretaria Municipal de Cultura.

2003 Melhor Roteiro e. Episódio - Sobre aquele que nada fazia e um dia fez - Histórias Curtas 2003, RBS.

2003 Fumproarte / SMC/ PMPA - Edital 2003/2 Filme Prato de Dia Secretaria Municipal da Cultura – Prefeitura de Porto Alegre.

2002 Melhor Episódio - O lugar das coisas – Histórias Curtas 2002, Rede Brasil Sul de Comunicações – RBS.

2001 1º Prêmio Cinemateca Catarinense - Melhor roteiro de documentário – Cheiros e Cores da Ilha, Fundação Catarinense de Cultura.

Produção em C,T & A*Produção bibliográfica*

Trabalhos completos publicados em anais de congressos

1. GOMES Cristina. Além do esconde-esconde: as falas das crianças sobre sexualidade e pudores. In: Fazendo gênero 3. 1995, Florianópolis. Fazendo Gênero 3 - Gênero e saúde, 1998.

Demais tipos de produção bibliográfica

1. GOMES. Cristina. Contos de Oficina -30 Porto Alegre: WS editor, 2003 (Antologia de contos)

Produção artística/ cultural

- 1 GOMES, Cristina. Histórias Extraordinárias. 2009 (Apresentação em rádio ou TV/Outra).
- 2 GOMES, Cristina; André Constantin; Ivanir Migotto. Na trilha dos rios. 2008 (Apresentação em rádio ou TV/Outra)
- 3 GOMES, Cristina; Camila Gonzatto. Primeira Geração. 2008 (Apresentação em rádio ou TV/Outra).
- 4 GOMES, Cristina; Camila Gonzatto. 4 destinos. 2008 (Apresentação em rádio ou TV/Outra).
- 5 GOMES, Cristina. Fundo do Mar. 2007 (Apresentação em radio ou TV/Outra).
- 6 GOMES, Cristina. Aventura. 2006. (Apresentação em rádio ou TV/Outra)
- 7 GOMES, Cristina; André Czarbonai. Sete Pecados. 2006 (Apresentação em rádio ou TV/Outra).
- 8 GOMES, Cristina. Ordem e Progresso. 2005. (Apresentação em rádio ou TV/Outra)
- 9 GOMES, Cristina. Histórias Extraordinárias. 2005 (Apresentação em rádio ou TV/Outra).
- 10 GOMES, Cristina. Histórias Extraordinárias. 2004. (Apresentação em rádio ou TV/Outra).
- 11 GOMES, Cristina. A Peste da Janice (roteiro) 2006 (Obra de artes visuais/Cinema).
- 12 GOMES, Cristina. Cinco Vezes Erico 2005 (Obra de artes visuais/Televisão).
- 13 GOMES, Cristina. Prato de dia, 2004 (Obra de artes visuais/Cinema).
- 14 GOMES, Cristina. A conquista do oeste. 2004. (Obra de artes visuais/Televisão)
- 15 GOMES, Cristina. Curtas catarinenses. 2003 (Obra de artes visuais/Televisão)
- 16 GOMES, Cristina. Sobre aquele que nada fazia e um dia fez. 2003. (Obra de artes visuais/televisão)
- 17 GOMES, Cristina. O lugar das coisas. 2002. (Obra de artes visuais/Televisão)
- 18 GOMES, Cristina. Histórias do Sul. 2002. (Obra de artes visuais/Televisão)
- 19 GOMES, Cristina. Lendas, Contos e outras histórias catarinenses. 2001. (Obra de artes visuais/Televisão)
- 20 GOMES, Cristina. Os Farrapos. 2000 (Obra de artes visuais/televisão)
- 21 GOMES, Cristina. O Contestado. 2000. (Obra de artes visuais/televisão)
- 22 GOMES, Cristina. SC - 100 anos de história. 1999. (Obra de artes visuais/Televisão)
- 23 GOMES, Cristina. RS - Um século de história. 1999 (Obra de artes visuais/Televisão)

Eventos

Participação em eventos

1. IX Socine. IX Encontro/ Sociedade Brasileira de Estudos de Cinema. 2005 (Congresso).
2. XIX Simpósio Nacional de História. História e cidadania. 1997 (Simpósio)
3. XX Reunião da Associação Brasileira de Antropologia. XX Reunião da Associação Brasileira de Antropologia. 1996. (Congresso)